



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

**ESTUDO COMPARATIVO DE LINGUAGEM E DOS
COMPORTAMENTOS INTERATIVOS PAIS- FILHOS
AOS 15 MESES DE VIDA**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para a obtenção do grau de
Mestre em Intervenção Precoce

Sofia Alexandra Pereira Coelho de Castro

2015



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

**ESTUDO COMPARATIVO DE LINGUAGEM E
DOS COMPORTAMENTOS INTERATIVOS PAIS-
FILHOS AOS 15 MESES DE VIDA**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para a obtenção do grau de
Mestre em Intervenção Precoce

Sofia Alexandra Pereira Coelho de Castro

Orientadora: Professora Doutora Oflía da Encarnação Costa e Sousa

2015

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo caracterizar e comparar a linguagem e os comportamentos interativos de mães e de pais com crianças de 15 meses.

A amostra é constituída por 80 díades (40 mãe-filho(a), 40 pai-filho(a)) com bebês de termo e sem condições assinaláveis de risco (25 meninos e 15 meninas). As díades foram filmadas em situação de jogo livre, mãe- filho(a) e pai-filho(a), independentemente. As interações foram transcritas sob forma de narrativas, uma para cada interação diádica, que constituíram o corpus de trabalho.

Os resultados do nosso estudo mencionam que quando comparamos díades mãe-filho(a) e pai- filho(a) no que diz respeito aos comportamentos interativos (episódios, sequências verbais e sequências não verbais) não encontramos nenhuma significância, no entanto, quando correlacionamos díade mãe- filho(a) e díade pai-filho(a) encontramos correlações significativas.

Globalmente as crianças que recebem mais *input* de comportamentos verbais, de comportamentos não-verbais e de afetos das mães também o recebem dos pais.

No que concerne à linguagem dirigida à criança os resultados assinalam diferenças na média dos comportamentos verbais dos pais e mães relativamente a: (i) **elogio estímulo**- as mães fizeram em média mais elogios estímulos do que os pais, (ii) **nomeação**- as mães fizeram em média mais nomeações do que os pais.

Os comportamentos dos pais e das mães encontram-se correlacionados nas seguintes categorias perguntas, pedidos de atenção, comentários positivos e ordens.

Palavra-chave: Comportamentos Interativos, Linguagem Dirigida, Criança

ABSTRACT

The purpose of this study is to characterize and compare the language and the interactive behaviors of parents with children of age 15 months.

The sample consisted of 80 dyads (40 mother-son or daughter, 40 father-son or daughter) with term babies and no major risk conditions (25 boys and 15 girls). The dyads were filmed in free play situation, mother-son or daughter and father-son or daughter, independently. The interactions were transcribed in the narrative shape, one for each dyadic interaction, which constituted this paper's corpus.

The results of our study show that when we compare dyads mother-son or daughter and father-son or daughter, with regard to interactive behaviors (episodes, verbal sequence and nonverbal sequence) we don't find any significance, however, when we correlate dyad mother-son or daughter and dyad father-son or daughter we find significant correlations.

Overall, children who receive more input of verbal behaviors, nonverbal behaviors and affects from mothers also receive from fathers.

About directed language at children the results indicate differences in verbal behaviors average of fathers and mothers regarding: (i) **praise stimulus** – in mean, mothers made more praise stimulus than fathers, (ii) **nomination** – in mean, mothers made more nominations than fathers.

The behaviors of fathers and mothers are correlate in the following categories: questions, attention requests, positive reviews and instructions.

Key-Words: Interaction Behaviors, Directed Language, Children

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim não foi uma tarefa fácil pois implicou muitas horas de trabalho, levantou algum desassossego e dificuldades. Contudo, por muito que um trabalho represente reflexão e esforço pessoal não existem caminhos percorridos na solidão, há sempre quem nos incentiva e apoia mesmo sem o sabermos. Este é, sem dúvida, o momento certo para agradecer.

Começo pela professora Doutora Otília Sousa que gentilmente aceitou ser minha orientadora, por todo o seu conhecimento científico com que orientou e acompanhou este estudo. Pelo apoio, ajuda, dedicação, e incentivo constantes, pois sem ela não seria possível ultrapassar as barreiras que contingentemente se cruzaram no meu caminho.

Também uma palavra de gratidão à Professora Doutora Marina Fuertes Dionísio, pelo convite para participar neste projeto de investigação e pela confiança que me transmitiu nas diferentes etapas deste trabalho e a ajuda preciosa na análise estatística do trabalho.

A todos os professores deste mestrado, pela excelência do ensino, e, especialmente à professora Dalila Lino que no início deste caminho me orientou com todo o seu conhecimento.

O meu muito obrigado à professora doutora Anabela Faria que disponibilizou os vídeos por ela realizados para o meu estudo sobre os processos de vinculação da criança à mãe e ao pai, durante os primeiros 15 meses de vida.

Um muito obrigado ao Tiago Sousa pela ajuda na cotação das narrativas.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos, em especial à Ana, Carla, Cátia, Célia, Rute e Sara pelo apoio e motivação, pela amizade e por nunca me deixarem desanimar nesta árdua tarefa.

Finalmente à minha família, principalmente às minhas filhas Mariana, Catarina e ao meu marido Jorge a quem além de agradecer todo o apoio, carinho e compreensão, tenho de pedir desculpa pelo tempo e espaço que esta viagem possa ter roubado. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vós.

Obrigada a todas as pessoas que contribuíram para o meu sucesso e para o meu crescimento enquanto profissional de educação e crescimento como pessoa.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	10
Capítulo 1- O contexto social como fator chave para o desenvolvimento da criança	11
1.1- O papel do meio e a abordagem transacional e bioecológica.....	11
1.2. – A interação social e o desenvolvimento.....	16
Capítulo 2	19
2.1- A importância da relação pais – filhos para o desenvolvimento da comunicação.....	19
2.2- A importância do brincar	22
2.3 Caracterização das crianças de 15 meses.....	23
2.4- O desenvolvimento da comunicação e da linguagem.....	24
2.5 A comunicação antes da linguagem.....	27
PARTE II. ESTUDO EMPÍRICO.....	32
2.1 -Enquadramento e objetivos.....	33
2.2 - Método	33
2.3- Instrumentos.....	35
2.4- Apresentação dos resultados.....	40
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXOS.....	69

INTRODUÇÃO

Este estudo visa investigar a linguagem e os comportamentos interativos dos Pais¹ (mãe/pai) filhos com crianças de 15 meses, procurando caracterizar e comparar a linguagem dirigida e comportamentos diádicos tanto em relação à sensibilidade em responder aos sinais da criança, quanto em relação às iniciativas, visando a estimulação ou a antecipação de suas ações. Tais comportamentos têm sido considerados como elemento integrante das interações iniciais, que têm implicações significativas para o desenvolvimento infantil.

O interesse por estudar o tema surgiu a partir da minha prática profissional de 15 anos como educadora de infância. Durante este período trabalhei com crianças e suas famílias e o contato que cada uma tinha com mãe ou pai sempre despertou em mim a busca de compreender as *nuances* das relações a partir das brincadeiras maternas e paternas dispensadas às crianças.

Com o meu ingresso no mestrado de Intervenção Precoce da Escola Superior de Educação de Lisboa em 2013 foi possível direcionar esta busca para as respostas das questões anteriores.

A interação social é para Vygostky (1984, 1996) o fator chave na aprendizagem das crianças. De acordo com o autor, os adultos devem direcionar e organizar a aprendizagem da criança, antes desta a poder dominar e internalizar.

Lock (apud, Serra et al 2000) diz que a interação social é o elemento chave para que as crianças aprendam a linguagem. As trocas comunicativas com outra pessoa, são de facto aquelas que permitem que a criança aprenda a ter mais recursos em relação às habilidades comunicativas e cognitivas.

A linguagem é um instrumento de mediação simbólica que promove a interação do individuo com o seu meio e o seu grupo social. É na interação social que a criança apreende as normas e os valores sociais, bem como o conhecimento da língua do meio social na qual está inserida.

A elaboração deste estudo vem na continuidade do estudo realizado por Alves (2013). A autora faz ressaltar do seu estudo o modo como os Pais perspetivam a natureza agentiva da criança, estando atentos à interação reconhecendo e incentivando o seu contributo e, ainda,

¹ Para maior clareza, usaremos Pais com maiúscula quando nos referirmos conjuntamente a pai e mãe e pais com letra minúscula quando a palavra for plural de pai.

ajustando-se aos seus comportamentos. Pais e mães interagem com gestos e palavras construindo e reconstruindo significação ajustando-se recíproca e continuamente à criança.

Neste trabalho, partimos de uma amostra de 80 díades, 40 mãe- filho(a) e 40 pai-filho(a), filmadas em situação de jogo livre durante 3 minutos. As díades foram recrutadas no Hospital do Espírito Santo em Angra do Heroísmo (Açores) e foram cedidas pela Doutora Anabela Faria (Faria, 2011). Essas filmagens foram transcritas sob forma de narrativas, que constituíram o *corpus* de trabalho.

Na análise das narrativas, tivemos em conta duas grandes vertentes: a interação diádica analisada de acordo com dimensões da sensibilidade materna e a linguagem dirigida à criança.

A sensibilidade materna está associada à vinculação Segura. Answer e colegas definiram a sensibilidade como a capacidade do adulto “(...) *to perceive and to interpret accurately the signals and communications implicit in her infant’s behavior, and given this understanding, to respond to them appropriately and promptly*” (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1974, p. 127). A bibliografia indica que, em média, a sensibilidade materna é superior à paterna (Volling, McElwain, Notaro, & Herrera, 2002).

No que diz respeito à linguagem dirigida às crianças, elaborámos uma grelha constituída por nove categorias: interrogação, pedido de atenção, pedido de ação, explicação/demonstração, ordem, elogio/estímulo, nomeação, comentário, comentário negativo/desaprovação (conforme se apresenta abaixo).

Para a análise dos comportamentos diádicos, retomámos de Alves (2013) uma grelha constituída por cinco categorias: episódios de jogo (unidades coesas de jogo interativo), sequências verbais interativas, sequências não-verbais, afetos verbais, e afetos não-verbais. A cotação das narrativas obedeceu a um critério multidimensional, sendo o comportamento de cada interveniente cotado de acordo com a prestação do seu interlocutor, de acordo com o funcionamento diádico e atendendo ao próprio contexto.

O estudo está dividido em três partes, a primeira dedicada ao enquadramento teórico, a segunda parte à apresentação do estudo empírico e a terceira à análise e discussão dos resultados.

A primeira parte centra-se na revisão bibliográfica sobre comunicação e interação social. A segunda parte concerne ao estudo empírico. Descrevemos o processo metodológico: participantes, local da realização da pesquisa, estratégias de recolha e análise de dados. Na

terceira parte, apresentam-se os principais resultados encontrados, desenvolvendo a análise e discussão dos mesmos. Exporemos as considerações finais tanto no que se refere aos aspetos metodológicos (potencialidade e limitações do estudo) como sobre os resultados encontrados.

PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1- O contexto social como fator chave para o desenvolvimento da criança

1.1- O papel do meio e a abordagem transacional e bioecológica

Os estudos que investigam o desenvolvimento das crianças sublinham o papel da interação e dos cuidadores nos primeiros anos de vida (Brazelton & Cramer, 1992; Tomasello, 2003; Dixon Jr. & Smith, 2003; Barwick, Cohen, Horodezky & Lojkasek, 2004). Tem havido um interesse crescente pelo estudo da interação que se estabelece entre pais e filhos durante o 1º ano de vida, traduzido em inúmeros estudos e publicações sobre o tema. A adequação dos comportamentos dos adultos em relação às crianças têm impacto no desenvolvimento linguístico e comunicativo destas (Tamis-LeMonda, Kuchirko & Song, 2014; Karasik, Tamis Le-Monda & Adolph, 2014).

Os estudos colocam a tónica em dois aspetos principais, por um lado no papel decisivo que as primeiras experiências têm no desenvolvimento posterior das crianças, por outro lado na importância que o ambiente físico e sobretudo social tem nessas primeiras experiências e consequentemente no desenvolvimento infantil. Estes estudos tiveram algumas consequências de ordem prática, nomeadamente no desenvolvimento de programas de intervenção educativa precoce para as crianças em contextos sociais desfavorecidos que foram posteriormente alargados às crianças em risco biológico e deficiente.

Pretende-se neste capítulo realçar as principais questões ligadas à intervenção precoce no que se refere às teorias subjacentes e às práticas de intervenção. A intervenção precoce é definida como “uma medida de apoio integrado, centrado na criança e na família, mediante ações de natureza preventiva e habilitativa” (Pimentel, 2005, p. 224)

O conceito de intervenção precoce baseia-se em pressupostos conceptuais que emergem quer da psicologia do desenvolvimento quer da psicologia da educação. Os modelos de intervenção têm vindo a evoluir progressivamente, centrados na criança e ainda mais centrados na família. Segundo Bairrão (1992, p.51), "as tendências atuais em psicologia de desenvolvimento e em psicologia da educação vão no sentido de abarcarem os fenómenos em estudos dentro de óticas mais abrangentes que incluam não só a criança mas sobretudo as crianças 'embebidas' nos seus contextos de socialização". Assim, a perspectiva ecológica e

transacional do desenvolvimento são a base do atual modelo de conceptual de intervenção precoce.

Tendo em conta os conceitos referidos, a investigação aqui apresentada terá como base modelos transacionais e ecológicos. Segundo Pimentel (2005), estes modelos são caracterizados pelo facto de considerarem que o desenvolvimento dos indivíduos se deve à interação entre o mesmo e o seu ambiente e que a mesma relação está sujeita a mudanças. Para Pimentel (2005, p.30). “ ... nesta perspetiva, as ações e relações de cada elemento só podem ser entendidas em função das ações e relações dos outros elementos e das circunstâncias situacionais e temporais onde ocorrem”

Fuertes e colegas (2009) falam de uma dança entre dois parceiros para ilustrar o desenvolvimento da criança. Se pensarmos numa dança, na troca dos primeiros passos, eles apreendem o elementar do seu aporte e do aporte do parceiro, a um ritmo lento e à medida que vão aprendendo, vão-se introduzindo novos desafios provenientes da díade relacional ou de fatores externos que agem sobre ela.

A perspetiva transacional de Sameroff (1983) considera que "o desenvolvimento envolve a interação autodirigida das crianças com os seus ambientes e a mudança progressiva da organização do comportamento em função da experiência" (Sameroff, apud Pimentel, p. 264). Desta forma Sameroff (1975) defende que o desenvolvimento da criança é um produto de interações dinâmicas entre a criança e os seus cuidados que lhe são prestados pela família, que, por sua vez, se encontra integrada num determinado contexto social. Assim, interações que apresentem problemas podem ser responsáveis por consequências negativas no sujeito em desenvolvimento. “ Sameroff (1983) faz uma revisão da teoria geral dos sistemas de Von Bertalanffy (1968) realçando a importância de distinguir entre sistemas fechados - estruturas específicas cujas operações são redutíveis a alguns princípios básicos - e sistemas abertos - estruturas que mantêm a sua organização apesar da troca entre as suas várias partes e o ambiente” (Sameroff, 1983, apud Pimentel, p.30)

Concluindo Pimentel (2005) que, para Sameroff, o desenvolvimento depende das características biológicas que caracterizam o ambiente experienciado pela criança, tendo em conta as disposições sociais e a cultura em que a criança está inserida, sem esquecer de considerar também as referências psicológicas da criança “encaradas como resultantes da relação entre as características biológicas e as estruturas sociais” (Pimentel 2005, p. 31) O

modelo transacional de Sameroff e Chandler (1975) enfatiza o facto de que a criança e os vários prestadores de cuidados se influenciam mutuamente ao longo do tempo.

Na continuidade do modelo maturacionista de Gesell, Sameroff propõe um novo paradigma, contínuo da causalidade de prestação de cuidados, através do qual descreve os efeitos dos fatores familiares, sociais e ambientais no desenvolvimento humano, no quadro do modelo transacional.

Numa formulação posterior do modelo transacional, Sameroff e Fiese (2000, citados por Zeller & Pimentel, p. 32) clarificam as relações estreitas entre a criança e o contexto, referindo que:

(i) o desenvolvimento da criança é visto como o produto das interações contínuas e dinâmicas da criança e da experiência providenciada pela sua família e contexto social.

(ii) As mudanças no comportamento são o resultado de uma série de trocas entre indivíduos no âmbito de um sistema partilhado, seguindo princípios reguladores específicos...

O que é inovador no modelo transacional é a igual ênfase posta nos efeitos da criança e do ambiente, de tal forma que as experiências proporcionadas pelo ambiente não são encaradas como independentes da criança. A criança pode ter sido um forte determinante das experiências atuais, mas o desenvolvimento não pode ser sistematicamente descrito sem uma análise dos efeitos do ambiente na criança. Em termos de intervenção, este modelo tem aplicações práticas nomeadamente na identificação de objetivos e estratégias de intervenção. Examinando as forças e fraquezas do sistema regulador, podem ser identificados objetivos que minimizam a amplitude da intervenção e maximizam a sua eficiência (Sameroff & Fiese, 2000, citado em Zeller & Pimentel, p. 33).

O modelo valoriza os indivíduos como estando num processo de desenvolvimento constante, não isolado, nem fechado em si próprio, mas sim exposto a propriedades dos seus contextos imediatos que interagem entre si conforme as suas ações e repercussões. *“Assim, no estudo do desenvolvimento humano a consideração do indivíduo descontextualizado ou isolado não terá mais cabimento que o estudo do contexto por si só, na explicação desse mesmo desenvolvimento...”* (Portugal, p. 33).

Bronfenbrenner define três aspetos principais:

- O modo como o sujeito é encarado, ou seja, o indivíduo deve ser considerado como um agente ativo e dinâmico do seu comportamento, do seu desenvolvimento, que manifesta e

recria ao longo do tempo o contexto em que se encontra e não como um sujeito que se molda aos efeitos da ação e incidência dos seus contextos.

- A interação sujeito/mundo, valorizar a reciprocidade que provém desta interação pessoa/contexto, onde ao sujeito influência o meio e o meio influencia o sujeito, dando-se mudanças por consequência das influências gerativas.

- O ambiente considerado relevante, considerar não só o contexto mais próximo do indivíduo mas sim considerar todos os contextos envolventes, incluindo as inter-relações de contextos, uma vez que as ações de um contexto têm repercussões em todas relações entre os vários contextos existentes. Considerando os contextos sociais e institucionais como um conjunto de estruturas interligadas.

O microsistema é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experimentado pela pessoa em desenvolvimento num dado contexto com características físicas, sociais e simbólicas. Locais como o lar, a escola, são encarados como sítios em que os indivíduos podem vivenciar, experimentar interações pessoais. Pode, ainda, considerar-se, o modo como os conteúdos destes são percebidos, captados pelos sujeitos.

Segundo Bronfenbrenner (1979, citado em Portugal, p.38), “ *very few of the external influences significantly affecting human behavior and development can be described solely in terms of objective physical conditions and events ; the aspects of the environment that are most powerful in shaping the course of psychological growth are overwhelmingly those that have meaning to the person in a given situation.* ”

O mesossistema compreende as ligações, relações e processos que têm lugar entre dois ou mais contextos em que o individuo participa ativamente. Podendo incluir as interações entre a família, a escola, o grupo de amigos.

O exossistema, por sua vez, refere-se aos contextos nos quais o sujeito não se encontra diretamente envolvido, não implicando a participação ativa do mesmo. Mas, os acontecimentos que aqui ocorrem afetam ou são afetados pelo contexto imediato em que o sujeito se move. Para a maior parte delas, os exossistemas consistem nos ambientes que englobam recursos para a família em geral e para a criança em particular (saúde, educação, segurança social).

O macrossistema, envolve todos os outros níveis ecológicos e é constituído pelas crenças, valores, ideologias de uma dada sociedade numa determinada época. Inclui não só aspetos

legislativos e políticos, mas também as representações que os diferentes agentes de socialização têm sobre a criança e o seu processo educativo.

Considerando a intervenção bioecológica de Brofenbrenner, vemos a aplicabilidade dos mapas ecológicos dos contextos de vida da criança. Para este autor é fundamental conhecer os contextos para alcançarmos uma melhor compreensão do funcionamento e desenvolvimento dos indivíduos.

Uma maturação dinâmica dos contextos subentende que, sendo os contextos positivos, serão promotores de um desenvolvimento expectável para a idade, podendo o inverso ser também aplicável. À luz deste modelo de maturação dinâmica, experiências precoces positivas, vivenciadas nos períodos sensíveis, potenciam o desenvolvimento infantil.

Os diversos subsistemas apresentados influenciam o desenvolvimento da pessoas, mas também permitem estudar o ser humano como um todo, em interação e desenvolvimento.

Numa fase posterior, Brofenbrenner (1998), no seu modelo bioecológico, vem chamar a atenção para a importância das características da pessoa em desenvolvimento. O autor defende que o desenvolvimento vai depender de quatro componentes e das suas inter-relações (Processo - Pessoa – Contexto – Tempo).

O Processo, compreende as interações que a criança estabelece com os elementos dos contextos e através dos quais o desenvolvimento toma lugar e que permite a análise da variações nos processos e produtos desenvolvimentais como função conjunta das características do contexto e da pessoa;

(i) a Pessoa, engloba as características pessoais, biológicas ou psicológicas da criança ou das pessoas presentes nesse contexto e que facilitam as interações;

(ii) o Contexto, as características dos contextos que influenciam a criança em desenvolvimento;

(iii) o Tempo, que pressupõe a sequência temporal em que a interações se processam. São pois os contextos próximos da criança que se devem organizar em função das suas características e necessidades.

Este estudo pretende situar-se num modelo de intervenção ecológico e transacional que valoriza o trabalho com a criança no seu contexto de vida com o envolvimento da família (mãe/ pai).

É neste âmbito que estas concepções teóricas interessam no nosso trabalho, uma vez que estabelecem a importância de adaptar quer os cenários mais restritos quer dos contextos

mais alargados por forma a entendermos e adequar a intervenção a cada criança respeitando as suas características, competências e necessidades.

É importante valorizar as relações que a criança estabelece com as pessoas e seus pares (ex: pai/ mãe; irmão/irmã; cameramen), a relação com os espaços físicos (gabinete clínico/ casa) e com os objetos e materiais que o envolvem, como é o caso dos brinquedos, podendo ser mais ou menos diversificados, estimulantes e responsivos.

1.2. – A interação social e o desenvolvimento

Entre os autores que defendem a importância da dimensão social no estabelecimento de comunicação no processo da aquisição da linguagem em geral, vou neste estudo mencionar Vigostky pela repercussão que teve em estudos mais recentes.

Vigostky (1978) enfatiza a interação sociocultural para explicar o desenvolvimento da infância, em geral e em particular, a realização dos processos psicológicos superiores. Para este autor, qualquer função aparece sempre duas vezes, primeiro ao nível social, ou nível *interpsicológico*, e depois aparece na criança, a nível pessoal ou *intrapsicológico*. Este princípio aplica-se igualmente à inteligência prática, à atenção voluntária e memória (ibidem:57).

Vigostky (1984), enfatiza a interação social com os adultos especialmente em casa como o fator chave na aprendizagem das crianças. Os adultos devem direcionar e organizar a aprendizagem da criança antes desta a poder dominar e internalizar. Apresenta como exemplo, o modo como os gestos da criança pela intervenção do adulto se tornam significação deítica

Vigostky usava a *evolução do gesto indicar* (sem linguagem) para explicar como ocorre a passagem do nível social ou interpsicológico para o nível intrapsicológico ou pessoal. O gesto de indicar é uma tentativa falhada por parte da criança para agarrar um objeto distante. As mãos da criança quando chegam perto do objeto param e mexem-se. Esses movimentos indicam que a criança está a tomar o objeto, assim a mãe interpreta como um indicador e aproxima-se do objeto. A significação e as funções do gesto são criadas primeiro por uma situação objetiva e subsequentemente pelas pessoas que rodeiam a criança.

No decurso de desenvolvimento a criança evolui dos gestos com significação para as palavras encorajadas pelo desenvolvimento verbal de que são alvo (Nelson 2002:112).

Mas uma monitoração passiva ocorre não só na compreensão da atividade das crianças. Quando os pais percebem que a criança desenvolve uma atividade para um fim, ou seja, quando a criança está localizada na chamada **zona de desenvolvimento proximal**, com possibilidades de uma determinada atividade de aprendizagem, os pais convertem-se num suporte e ajudam a criança a adquirir a forma correta de fazer ao realizá-la em conjunto com o filho ou filha. Desta forma, os pais tornam-se o andaime para a aprendizagem das crianças. Novamente do meio exterior são fornecidos meios para alcançar uma mudança nas capacidades das crianças.

Lock (1978, apud Serra et al., 2000) sintonizado com a abordagem de Vigostky, analisa o desenvolvimento das *respostas de antecipação* que fazem as crianças quando as mães os pegam nos seus braços. Na primeira vez que aparece esta função, os braços da criança levantam-se mecanicamente graças à ajuda física da mãe. Na medida que esse padrão é repetido, a criança familiariza-se e reconhece a ação que se seguirá mais tarde -, agora quem me pega nos braços? – assim, quando tem a mãe diante de si, levanta os braços e a mãe prepara os seus para o abraçar. Depois de algum tempo, a criança já é capaz de antecipar a ação que terá lugar. Ao ver a mãe a levantar os braços sabe que é para o abraçar.

A conduta da criança adquire para o seu parceiro o carácter de *signo*. As crianças sabem que as suas ações afetam os outros e têm, portanto, um poder comunicativo. Curiosamente, as condutas de antecipação, levantar os braços quando a mãe se aproxima, por exemplo, não são observados em crianças autistas. Como salienta Rivière, 1983, apud Serra et al., 2000, os conceitos de previsibilidade, antecipação e intenção parece ser alterado em crianças autistas.

Para Vigostky (1996), a linguagem e o pensamento têm raízes genéticas diferentes e durante o primeiro ano de vida são desenvolvidos separadamente. Diferencia, portanto, uma fase de desenvolvimento pré-linguístico do pensamento das crianças e uma fase da linguagem pré-intelectual. As crianças demonstram que têm habilidades para usar e até mesmo inventarem instrumentos, sem a ajuda da linguagem.

Em relação à linguagem, considera-se que gritos, balbucios são as raízes pré-intelectuais do discurso, e não tem relação nenhuma com desenvolvimento do pensamento. São formas predominantemente emocionais de comportamento. No entanto, algumas dessas primeiras manifestações já demonstram a sua função social na fase pré-intelectual do desenvolvimento da linguagem, por exemplo, as reações do bebé à voz humana. Por volta dos dois anos, as duas curvas do desenvolvimento, a linguagem e o pensamento, que até então

tenham permanecido separado, convergem e unem-se para começar uma nova forma de conduta. É o momento em que a criança descobre que cada coisa tem seu nome. Então a linguagem começa a servir a inteligência e os pensamentos começam a ser expressados verbalmente. Desta forma, o discurso, que, durante o primeiro ano de vida teve uma função afetiva e regulativa, começa a sua jornada na fase intelectual.

Capítulo 2

2.1- A importância da relação pais – filhos para o desenvolvimento da comunicação

Há consenso sobre a importância da interação e da linguagem maternas no desenvolvimento das crianças em geral e no da linguagem em particular (Bruner, 1981; Santos, 1991; Snow, 1989; Snow, Burns, & Griffin, 1998). Em contraponto o papel dos pais no desenvolvimento das crianças tem sido menos estudado (Abkarian e Dworkin, 2001). Ainda que o papel dos pais tenha vindo a mudar e, de sustento da casa, estes tenham passado a ter um papel de cuidadores, os estudos sobre o papel dos pais no desenvolvimento das crianças são mais recentes e não congregam consenso (Abkarian, Dworkin e Abkarian, 2003). Não há dúvidas, porém, de que a família mudou muito nos últimos trinta anos e continua a mudar (Pedroso e Branco, 2008): as mães têm um papel cada vez mais ativo no mercado do trabalho, as taxas de divórcio sobem e as famílias monoparentais são uma realidade.

A família é tida como fator fundamental no desenvolvimento intelectual, social e emocional das crianças (Berger, 2001). Estudos têm vindo a destacar o papel do pai e o interesse no seu estudo tem aumentado. O nosso estudo apresenta este aspeto inovador, em Portugal, ao estudar em simultâneo pais e mães em interação com os seus filhos.

Respostas dos Pais adequadas e contingentes são preditores de ganhos no desenvolvimento da linguagem (Landry, Smith, & Swank, 2006). Não é só a interação, mas o modo como os pais interagem – o seu estilo comunicativo - é importante no desenvolvimento da criança. Por exemplo, as perguntas das mães são um importante fator de desenvolvimento da linguagem (Hoff, 2006).

De acordo com a investigação, quando a fala da mãe inclui muitas proibições e ordens não favorece o desenvolvimento comunicativo da criança (Hart & Risley, 1995; Hoff-Ginsberg, 1986). Já um discurso em que a mãe designa ou explica o mundo à volta da criança, apresenta-se como um *input* mais rico, com mais nomes e adjetivos (Tamis-LeMonda, Song, Leavell, Kahana-Kalman, & Yoshikawa, 2012). Por exemplo, a nomeação de objetos e a atribuição de características aos mesmos quando se brinca com a criança, como no nosso experimento, possibilita a aprendizagem de vocabulário (peixinho, livro, cão, vaca, etc.) num

contexto significativo e integrado. A nomeação e a manipulação de objetos favorece a aprendizagem do léxico e, conseqüentemente, o alargamento e aprofundamento do conhecimento da criança (Hirsh-Pasek, Golinkoff, Berk, & Singer, 2009).

Num paradigma empirista de aprendizagem da língua (Tomasello, 2003), o desenvolvimento não é perspectivado como dicotomia entre individual e social, mas antes, como a diferenciação vygotskyana entre o desenvolvimento individual e o cultural. A perspectiva vygotskyana das funções da linguagem podem ser perspectivadas em dois continuums: há um continuum do inter ao intrapsicológico e um outro da semiose ao instrumental (Reunamo & Nurmilaakso, 2007). O primeiro aparece como uma operação que inicialmente representa uma atividade externa que é reconstruída e começa a ocorrer internamente e, assim, cada função do desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e posteriormente no nível individual. No segundo toda a linguagem é inicialmente comunicação e só no decurso do desenvolvimento se torna ferramenta para organizar o pensamento.

A conversa dos pais com os filhos é um contexto favorável para a aprendizagem da significação.

Quando pensamos no desenvolvimento da linguagem realçamos a interação entre todos os aspetos do desenvolvimento: físico, cognitivo, emocional e social. A interação social com os adultos inicia os bebés na natureza comunicativa do discurso.

Sousa (2004, p. 17) implica *comunicação* sinónimos como *caminho*, *conhecimento*, *mensagem* e *relação*. Estes conceitos parecem ser essenciais no processo de crescimento de um bebé, uma vez que numa primeira fase perspectivado no espaço mental e relacional dos progenitores, onde imaginam o seu bebé. Numa segunda fase, existe um processo de amadurecimento psicológico e psíquico da gravidez seguindo-se a concretização da comunicação efetivando uma relação maior estabelecida através de trocas, mensagens e interação entre mãe e filho que por sua vez inicia a aquisição do conhecimento do bebé.

(Bick, 1964 citado por Sousa, 2004) descreve a troca relacional com um estilo de comunicação que se estabelece entre mãe e bebé. Este autor evidencia que é no seio da relação entre uma mãe e o seu bebé que se privilegiam autênticas modalidades de comunicação. Descreve como as relações entre as mães e os bebés e as posteriores ligações destas crianças com o mundo que as rodeia, são moderadas por associações entre as quais se encontram a sequência visual, a quinestésica e a voz, enquanto suportes dessas mesmas

relações. Desta forma, podemos concluir que não existe um relacionamento padronizado, sendo que cada mãe desenvolve com o seu bebé uma relação própria e única, com as suas próprias características e ritmos.

A importância da relação entre mãe-filho, tal como é conceptualizada pela teoria da vinculação (Bowlby, 1969), tem sido bastante estudada. Para Brazelton (2004) a existência de relações afetivas são os ingredientes fundamentais para o desenvolvimento de um forte sentido de auto estima e mais tarde para a motivação para a aprendizagem.

Portugal (1998) refere que as relações interpessoais influenciarão o desenvolvimento individual em pelo menos de três maneiras: (i) as relações são o contexto em que decorre a socialização, a criança desenvolve capacidades de comunicação a partir das relações sociais; (ii) as relações são a base ou recurso que permite à criança funcionar de um modo independente num contexto mais alargado. Assim uma ligação segura entre criança e mãe, são canais potencializadores de um grande e variado leque de novas experiências. (iii) as relações, seja nas que participa ativamente ou que esteja como mera observadora, constituem importantes modelos a usar na construção de futuras relações interpessoais.

Para Bowlby (1984), a sobrevivência das crianças depende da manutenção da proximidade de adultos que desempenham funções de proteção e cuidado (alimentação, conforto e segurança). Os comportamentos de apego analisáveis nas interações das crianças com a mãe teriam como objetivo principal a manutenção da proximidade e do vínculo. Assim sendo, a sensibilidade por parte do cuidador seria um dos principais elementos do relacionamento inicial mãe- bebé.

Brazelton (1982, citado em Portugal, 1998) considera que para a criança a ligação mãe-filho atua como um estímulo para o desenvolvimento posterior incitando um sentimento de saber e de prazer na interação com o ambiente. Para os pais, o *feedback* obtido é tão vantajoso e gratificante como para a criança e estimula a sua energia de envolvimento na relação.

O comportamento, a comunicação, as expressões faciais, as brincadeiras e o tom de voz são indicadores da qualidade da interação. Embora cada gesto ou expressão isolada seja uma comunicação (Brazelton e Cramer, 1992). Estes autores sugerem que há diferenças entre mães e pais na interação primordial, e destacam a necessidade de os pais ajustarem os seus próprios comportamentos e ritmos aos do bebé, aprendendo sobre sua própria capacidade de

responder e educar durante as relações iniciais, para que o desenvolvimento possa decorrer de forma proveitosa.

2.2- A importância do brincar

Brincar (sozinho, com pares ou com adultos) é uma das atividades mais constantes na infância. Há cada vez mais estudos a defender a importância da brincadeira e o papel desta no desenvolvimento da criança (Drew et al., 2008, Ziegler & Bishop-Josef, 2006). Os estudos realçam a importância de brincar no desenvolvimento das crianças:

- Desenvolvimento do vocabulário (Cohen, 2006),
- Desenvolvimento das relações espaciais (Miyakawa, Kamii, and Nagahiro, 2005)
- Resolução de problemas (Bruner 1972, Copely & Oto, 2006)
- Desenvolvimento social (Creasey, Jarvis, & Berk, 1998)
- Desenvolvimento de capacidades de descoberta e conceituais (Drew et al, 2008)

Do ponto de vista do desenvolvimento pessoal favorece o desenvolvimento de aprendizagens positivas como entusiasmo, resiliência, criatividade, tomada de decisões e persistência para terminar tarefas (Day, 2006).

À medida que a criança se desenvolve física e cognitivamente, ela envolve-se mais nas brincadeiras. Os pais deverão seguir a iniciativa da criança, fornecendo linguagem adequada ao contexto e falar sobre o que esta está a fazer. Deverão modelar e expandir os enunciados da criança para enriquecer a sua linguagem.

Bruner (apud Kishimoto, 2002) destaca que é na brincadeira interativa, que a ação comunicativa entre a mãe e o filho dá o significado aos gestos e permite a aprendizagem das frases. A criança na brincadeira adquire a compreensão do ponto de vista de outra pessoa e aprende a solucionar os seus problemas

Através de brincadeiras, a criança pode aprender sobre o mundo fora do seu ambiente direto. Ao brincar a criança cria e recria o mundo à sua maneira, pode entrar no mundo da imaginação, da fantasia e das histórias. Os jogos realizados num ambiente familiar e sem a

presença de pressões oferece à criança a oportunidade de descoberta de regras de socialização e aquisição da linguagem.

Os pais e as mães que se envolvem mais nas brincadeiras do faz de conta, tendem a ter uma relação conjugal melhor, a expor os filhos a experiências mais interessantes, a envolvê-los nas conversas e a não lhes bater (Fein, 1981, apud Papalia et al, 2001, p.367)

Fuertes (2015) salienta a importância da brincadeira no dia-a-dia. As mães que passam mais tempo em atividades de jogo e que se divertem mais são aquelas que se relacionam melhor com os seus filhos.

2.3 Caracterização das crianças de 15 meses

Sendo este estudo voltado para a interação pais filho(a) com crianças de 15 meses, penso que é necessário fazer uma breve caracterização das crianças de 15 meses.

Todas as crianças são diferentes em muitas maneiras possíveis, tem posturas, respostas, estilos, ações que as destacam umas das outras. Pretende-se aqui, não analisar o temperamento da criança, mas conhecer e identificar algumas características da idade da criança em estudo. Havendo variação inter individual, sabe-se também que nos primeiros anos o percurso de desenvolvimento segue padrões previsíveis.

A criança aos 15 meses apresenta as seguintes características: (i) **nível da cognição**, mantém, o interesse no objeto desejado durante dois ou mais minutos; coloca um círculo no tabuleiro com formas; constrói torre com dois cubos; começa a fazer marcas no papel com lápis grosso; imita mais ações (e.g. acaricia a boneca, dá beijinhos na boneca); demonstra o uso funcional dos objetos; (ii) **nível das competências sociais** continua a desenvolver o contato ocular com o interlocutor por períodos de tempo mais longos; toma a vez à medida que a linguagem expressiva se desenvolve; brinca aos jogos de procurar; durante as brincadeiras envolve os outros mostrando-lhes coisas (e.g. sapatos, roupas); começa a compreender perguntas com palavras interrogativas (e.g. onde? quem?) (iii) **nível da linguagem receptiva** compreende mais palavras novas a cada semana; segue ordens de um só passo durante as brincadeiras; compreende perguntas simples de localização (e.g onde está a mãe/ pai?); reconhece e demonstra compreensão de vários objetos apontando para eles (e.g. estende dedo indicador em direção de bola); o gesto de apontar começa a ser usado de forma

mais sistemática, vira a cabeça para dizer não, faz movimentos de chamar com as mãos e diz adeus; compreende mais expressões familiares; (iv) **nível da linguagem expressiva** usa a voz e gesto para obter o objeto desejado; imitam o que ouvem ou veem como gestos expressões e palavras; (v) **nível da audição** identifica mais palavras; processa a linguagem simples; discrimina expressões familiares; cumpre ordens e compreende sim e não; (vi), **nível da fala** imita vogais alternadas; responde a ordens simples ou pedidos e apresenta uma brincadeira simbólica e imita os sons dos animais; usa apenas uma palavra para designar uma frase (holófrase), (e.g. diz boneca, para querer dizer quero brincar com a boneca) Rombert (2013).

Como vemos, a criança de 15 meses tem já competências de compreensão de enunciados orais e começa a expressar-se também através de palavras (com formato muito simplificado em relação ao formato do adulto) que têm o formato de enunciados de uma só palavra.

2.4- O desenvolvimento da comunicação e da linguagem

O desenvolvimento da comunicação e da linguagem é um tema muito abrangente e os estudos tem sido feitos maioritariamente sobre a interação mãe filho. Neste capítulo, tentamos perceber a ligação entre a comunicação e a linguagem.

Sagart, L.(2008) refere que a língua tem a ver com a cultura: cada um fala a língua do seu meio sociocultural, neste caso quem vive em Portugal aprende o português, assim como quem vive em França aprende o francês. Se em tenra idade uma criança portuguesa tivesse sido adotado pelo francês, a criança falaria francês. Assim sendo, a língua materna não depende dos genes, no entanto, a linguagem é enraizada na biologia da nossa espécie. O Autor refere que Chomsky dizia que todos os humanos, até os mais estúpidos falam e nenhum macaco, até o mais brilhante fala.

Pick (2008) refere ainda que a linguagem humana é um modo muito singular de comunicação. Todos os animais comunicam entre si por gestos (e.g. o chimpanzé estende a mão para pedir comida), por odores (e.g. os felinos urinam para marcar o território, as borboletas atraem o parceiro com feromonas) e por uma coleção de sinais sonoros (e.g. gritos, cacarejos, rosnados, miados, uivos) que permitem uma interação entre dois ou mais congéneres. A linguagem humana articulada distingue-se das linguagens animais por, por um

lado, se apoiar num sistema (finito) de sons que ganham significados e se organizam em palavras que possibilitam, quando combinadas, a criação de significação. De facto, a linguagem humana não é um mero reportório de sinais, antes é um sistema que possibilita a criação e a invenção em cada enunciação.

A relação entre a mãe e o bebé concretiza-se numa comunicação emocional, através de um sistema de regulação mútua com adaptações constantes. A sensibilidade e a disponibilidade emocional maternas têm um lugar decisivo na comunicação, pois favorecem a adequação das respostas aos sinais emitidos pelo bebé e vão possibilitar o ultrapassar de eventuais dificuldades interativas.

Sousa (2004) refere o choro, como um comportamento que aproxima a mãe do filho. O bebé chora nos primeiros tempos por razões biológicas: porque tem fome, porque está molhado. É a resposta da mãe ao choro do bebé que o enquadra num universo de sentidos. Em contraponto, quanto menos adequadas forem as reações das mães ao choro dos bebés, maior é a tendência para o choro e mais longa a passagem ao sorriso, considerado um *modo de comunicação mais desenvolvido* (Ainsworth et al., 1983). A diminuição progressiva do choro está relacionada com a prontidão e a disponibilidade com que a pessoa que cuida do bebé responde ao sinal (Ainsworth et al., *ibid.*; Mazet e Stoleru, 1990). A mãe ao interpretar os sinais do bebé e ao agir em conformidade constrói a significado associado à interação.

Estamos perante um modelo bidirecional entre a mãe e o bebé. Se o recém-nascido *ensina* a mãe a adaptar-se ritmo e adivinhar as suas necessidades, a mãe, por sua vez, dá significado ao seu comportamento (e.g. choro, sucção, sorriso, o agarrar e o seguir), consistentes em sinais transmitidos pelo bebé para desencadear ou manter resposta de proximidade e de contato com a mãe (Sousa, S.2004). Bowlby citado em Sousa, S (2004), caracteriza a necessidade de contato e estabelecimento de laços emocionais entre o bebé e a mãe. É a mãe que envolve os comportamentos do bebé em significação e é com a mãe e outros cuidadores que a criança entra no universo da comunicação.

O bebé conhece-se e conhece o mundo através da mãe, do seu olhar (pela função *espelho*), do seu colo (que o contém), a partir do espaço que a mãe ocupa dentro de si (ou *espaço interno*) Sousa, S (2004).

Tomasello (2003) põe em evidência o papel do adulto na aprendizagem da linguagem pela criança. Pela interação os adultos entram em cenas de atenção conjunta com os bebés e partilham objetos e intenção comunicativa que possibilitam à criança a aprendizagem da

semiose. A aquisição da linguagem é vista pelo autor como uma instância de um processo mais geral de aprendizagem cultural. A linguagem é entendida como uma forma de cognição que as crianças desenvolvem através da interação regular com falantes adultos, São processos centrais da aprendizagem a compreensão da intenção dos outros e a descoberta de padrões (pattern-finding). Seria a compreensão da intencionalidade dos outros (intention-reading) que permite à criança entrar em períodos de atenção conjunta em que o adulto põe em destaque o que aprender. Assim sendo, entende-se que as primeiras interações vivenciadas pelo bebê são de grande importância para todo o seu desenvolvimento principalmente no que se refere à linguagem. A participação de ambos os progenitores é fundamental, já que são os primeiros a manter contato com a criança, sendo os responsáveis pelo desenvolvimento das habilidades sociais e pela inserção da criança na sociedade.

Os estudos de Tomasello (2003), convergem no sentido de que a aquisição do desenvolvimento de competências linguísticas são processos que envolvem a habilidade sociocognitiva de compreensão, de partilha de intencionalidade e participação em atividades comunicativas com indivíduos linguisticamente e simbolicamente competentes.

Quando a criança adquire a linguagem também está a adquirir os aspetos sociais e culturais. Assim sendo, as interações sociais tem pontos em comum e não podem ser analisados separadamente, ao mesmo tempo que os aspetos sociais e culturais podem influenciar a criança, esta também é capaz de modificar o próprio ambiente no qual está inserido. Para Bruner (1985) a cultura e linguagem não pode ser entendida separadamente, é por intermédio da linguagem que o homem interpreta e regula a sua cultura.

As interações entre adulto e criança, principalmente as interações verbais são importantes para explicar a transformação de uma comunicação espontânea e natural (a partir de gestos) para uma comunicação social que envolve a fala e que possibilita a compreensão dos aspetos da linguagem verbal.

Tomasello, (1999) refere que a compreensão da intenção comunicativa é uma condição necessária para a aquisição da linguagem, ou seja, a criança só é capaz de compreender e utilizar os símbolos linguísticos a partir da interação social.

As investigações acerca da fala dos progenitores apontam para a existência de posturas divergentes quanto as semelhanças e diferenças da fala do pai e da mãe dirigidas às crianças (Golinkoff & Ames, 1979; Bright & Stockdale, 1984). No entanto, existe uma forte propensão para se aceitar a hipótese de complementaridade (Rondal, 1980) sendo que pai e mãe

desempenham funções distintas e complementares que são essenciais para o desenvolvimento linguístico.

Uma das características típicas da fala dirigida à criança são os *feedbacks* de imitação, repetição e reformulação (Borges & Salomão, 2003). Tais estilos de *input* podem ser considerados colaboradores na ampliação do vocabulário por parte da criança, na medida em que explicita a relação entre suas formas primitivas de linguagem e as formas corretas do adulto, preenchendo os elementos omitidos (Hoff-Grinsberg & Chatz, 1982, citados por Borges & Salomão, 2003). Véras e Salomão (2005) referem que este estilo de fala pode ser encorajador do esforço comunicativo da criança, uma vez que dá continuidade ao diálogo, podendo funcionar com um *feedback* positivo implícito durante as interações.

2.5 A comunicação antes da linguagem

Como referido, os pais interpretam comportamentos da criança, construindo significação para ocorrências de manifestações biológicas das crianças. A ocorrência destes comportamentos deriva de várias causas, por exemplo, os bebês tendem a chorar quando estão muito excitados e precisam de alguém para os acalmar, ou, quando experimentam uma sensação de desconforto, causado pela fome, dor, ou fadiga. Seja qual for a causa desses comportamentos, os pais reagem prontamente às manifestações da criança, pegam nos seus braços, para alimentá-los ou apenas para os confortar, ou seja, dão uma resposta rápida, ao que eles interpretam como um pedido de ajuda.

Para Brazelton e Sparrow, (2004) o choro é a forma de comunicação mais importante do recém-nascido. Nenhum outro sinal tem junto dos pais um efeito tão poderoso. Além do choro, os pais interpretam outros comportamentos das crianças.

Também o sorriso começa por ser uma manifestação da criança que a pouco a pouco é integrada em redes de significação e vai começar a integrar comportamentos sociais significativos. Observa-se que por volta dos dois ou três meses de idade os bebês sorriem para uma variedade de estímulos, especialmente para o rosto humano. Segundo (Messer, 1994) por volta dos três meses de idade, os bebês começam a sorrir mais vezes quando veem o rosto de uma pessoa conhecida, do que quando percebem que é um rosto de um desconhecido. No entanto, o bebê para exibir o seu sorriso, não precisa que o adulto esteja sempre a sorrir, na verdade tem-se observado que as crianças cegas de nascença começam a sorrir com a mesma

idade que os bebês que veem. Esse resultado, porém, não impede que se assuma que um ambiente social estimulante e alegre, estimule e facilite a aparência do sorriso no bebê que por sua vez permitirá a comunicação entre a criança e o seu ambiente. Por volta dos três e quatro meses, também se detetam expressões diferenciadas nos bebês que correspondem aos estados de raiva, surpresa e tristeza (Malatesta, 1987).

Durante os primeiros três meses de vida observa-se que as crianças produzem sons que podem aproximar-se de sons vocálicos. As mães interpretam as vocalizações dos seus filhos como um desejo evidente que estes querem comunicar. É fácil observar uma mãe que fala com o seu filho de um mês e meio de idade quando ouve o seu bebê a emitir vocalizações, e ela pergunta “ que dizes?” “ que queres?”.

. A mãe fala com o seu bebê mas não espera uma resposta do bebê, A fala é parte da maneira espontânea como adultos cuidam do seu bebê.

Numa primeira fase os adultos interpretam o reportório e as condutas como sinais comunicativos.

Apesar da variedade e da diversidade de comportamento realizados pelos bebês durante os primeiros meses de vida, considera-se que estes não têm intencionalidade comunicativa. A intencionalidade é aprendida pelo bebê na interação com adultos que cuidam (Tomasello, 2003).

Os bebês têm um vasto reportório de atividades e estas são como um sinal para os adultos, especialmente para os pais, que as interpretam como uma expressão de necessidade, sentimento e afeto. Como salienta (Newson 1978 citado em Serra et al 2000), as mães estão muito motivadas para estabelecer um entendimento partilhado com o seu filho ou filha, assim sendo, tratam dos seus filhos desde o nascimento como pessoas dotadas de sentimentos, intenções e desejos. É muito provável que com a sua atitude esteja à procura da confirmação que o seu bebê se relacione com ela de uma forma muito pessoal.

As intenções atribuídas pelas mães aos seus bebês é uma das principais bases de desenvolvimento e orientação das verdadeiras intenções nas crianças, outros autores como Lock (1980) ainda vão mais longe nas suas afirmações. Segundo este autor, mesmo que o bebê não tenha intencionalidade nesta fase de desenvolvimento, o facto é que a mãe atribui uma intenção comunicativa para as atividades não-verbais, o que para o bebê confere um significado adequado para os seus comportamentos.

Assim são a atitude e o comportamento do adulto que fornece ao bebê o significado cultural no seu ambiente social.

Na perspectiva empirista Vygostky, 1996; Tomasello, 2003, a interação social é o elemento chave para que as crianças aprendam a linguagem. As trocas comunicativas com outra pessoa, são de facto aquelas que permitem que a criança aprenda os recursos em relação às habilidades linguísticas, comunicativas e cognitivas.

Nesta perspectiva relaciona-se a aprendizagem e a aquisição da linguagem com a intencionalidade e as trocas comunicativas que se produzem antes que exista um sistema linguístico formalizado. Defendem também a ausência de intencionalidade na criança na fase pré-linguística e a aprendizagem da intenção como um fator crucial na aprendizagem e desenvolvimento comunicativo e linguístico da criança.

Em suma muito antes de os bebês executarem comportamentos deliberadamente, encontram um ambiente social que os interpreta atribuindo um significado. Assim torna-se um intercâmbio social entre o bebê e as pessoas ao seu redor na medida em que o adulto atribui intencionalidade e significado ao comportamento não-verbal do bebê. Por outro lado, os bebês percebem desde muito cedo o impacto de suas manifestações no seu ambiente social e empregam o repertório gestual de comportamentos ou de som ao seu alcance com intenções cada vez mais delineadas.

A aprendizagem da comunicação decorre da construção da intencionalidade do bebê e dos que com ele interagem. As crianças persistem na tentativa de comunicar, no entanto, se o adulto o ignorar, esta pode modificar a sua conduta com intuito de comunicar melhor.

Durante a segunda metade do primeiro ano de vida, o bebê tem um repertório gestual adequado às suas necessidades. Durante os primeiros meses do segundo ano de vida os gestos serão substituídos pela comunicação verbal. Em relação aos gestos que os Pais usam em interação com seus bebês, e apesar do seu repertório ser amplo e variado, ainda existem poucos estudos sobre os mesmos.

Outro dos indicadores utilizados é **o olhar**, ou contato visual que o bebê estabelece com o parceiro adulto enquanto ele gesticula ou vocaliza.

A coincidência entre o olhar do bebê e adulto é extremamente importante para o estabelecimento de comunicação e intencionalidade compartilhada.

Em relação às **vocalizações**, os bebês entre o sexto e o oitavo mês de vida começam a emitir balbucios, combinações silábicas com vogais e consoantes reduplicadas.

Entre as obras mais conhecidas sobre o papel das vocalizações infantis acompanhadas por gestos durante a etapa pré-linguística, cabe destacar o estudo feito por Halliday com seu filho Nigel, de nove meses de idade até ao dois anos e meio de anos (Halliday, 1982). Neste trabalho o autor analisa o significado comunicativo de produções vocálicas e o comportamento gestual de seu filho.

Os comportamentos comunicativos que aparecem primeiro (entre o nono e o décimo segundo mês) no repertório da criança são as ações que têm uma finalidade, cujo conteúdo é interpretado em termos de **funções comunicativas**. O critério utilizado por (Halliday citado em Serra et al., 2000) para determinar se uma vocalização da criança é uma transmissão com significado, baseia-se numa relação observável e constante entre expressão e conteúdo, pelo menos em quatro situações:

- **Instrumental**: a criança pretende que o adulto alcance o objeto desejado. Gesticulando e enfatizando a sua ação acompanhando com o ritmo do corpo, repetindo vocalizações com gesto correspondente.

-**Regulativa** - neste caso as crianças afirmam que o adulto execute uma ação específica, por exemplo, levá-los nos braços, ou abrir a porta.

-**Interativo** - a criança tenta manter contatos com o que lhe interessa. Dentro da Função interativa inclui o início de um contato com o interlocutor, para depois ser convertido numa saudação (e.g. olá!), ou uma forma de boas-vindas para a recém chegada (e.g. Eh! chegastes), ou como uma resposta às exigências da outra parte..

-**Pessoal** - a criança procura expressar sua própria individualidade. Dentro desta categoria inclui: a rejeição, como uma resposta para a proposta dos outros, ou de participação, em que indica o satisfação ou interesse em relação às propostas do interlocutor.

(Halliday, citado em Serra et al., 2000) também leva em conta, os padrões de entoação que acompanham as vocalizações. Ele ressalta que os pedidos de ação e de objeto (função regulativa e instrumental) são acompanhados por um padrão de entoação ascendente, enquanto os comentários (função informativa) são acompanhados por uma entoação descendente.

Durante o segundo ano de vida, já na etapa linguística, aparecem a função **imaginativa**, que consiste no uso da linguagem para criar um meio próprio com o som ou o significado da linguagem; a função **heurística**, cuja função é de perguntar o porquê das coisas

e finalmente, a função **informativa**, no qual a criança proporciona informações sobre eventos passados e atuais.

PARTE II. ESTUDO EMPÍRICO

2.1 -Enquadramento e objetivos

O presente estudo tem como objetivos estudar:

- Descrever os comportamentos interativos, mãe- filho(a), pai-filho(a) em situação de jogo livre.
- Comparar os comportamentos interativos maternos e paternos com bebés de 15 meses de vida.
- Analisar o tipo de enunciados que os pais usam com os filhos e as filhas e que as mães usam com os filhos e as filhas
- Comparar a linguagem usada pelos progenitores (pais e mães) para filhos e para filhas.

2.2 - Método

Sujeitos

A amostra é constituída por 80 díades interativas, 40 mãe-filho e 40 pai-filho, tendo as crianças 15 meses de idade. As díades foram recrutadas no Hospital do Espírito Santo, de Angra do Heroísmo (Açores), no ano de 2008, para uma investigação mais alargada (Faria, 2011)

Os vídeos foram fornecidos com o objetivo de ser uma cotadora cega quanto a caracterização sócio-demográfica. Assim durante a cotação dos vídeos desconhecíamos se as famílias estavam sujeitas ou não a condições de risco ou a que tipos de risco.

Depois de cotados todos os vídeos, foi possível o acesso aos dados demográficos das famílias, preservando sempre o anonimato das mesmas.

Para evitar a existência de fatores de risco biológico ou ambiental, foram definidos os seguintes critérios de inclusão da amostra: a) todos os bebés nasceram com mais de 37 semanas; b) o peso dos bebés à nascença variou entre os 2380g e 4120g (M=3288,30;d.p=438,801); c) inexistência de psicopatologia ou comportamentos aditivos (e.g. álcool ou drogas) nos pais.

Considerando 40 bebés, 25 eram meninos e 15 meninas. As suas idades gestacionais variavam entre 37 e as 41 semanas (média =38,72; d.p=1,037).

Todos os bebés são caucasianos, portugueses, apresentando em média um índice de Apgar de 8,79 (d.p=1,018) ao 1º minuto e de 9,67 (d.p=1.009) ao 5º minuto.

Todas as mães co-habitavam com os pais dos seus bebés, 30 casos ligados pelo regime de casamento, 9 por união de fato e 1 divorciado.

A idade das mães variou entre os 19 e 40 anos (M=30,10; d.p= 5,068) e dos pais entre 24 e 56 anos (M=34,68; d.p=6,133); todas as mães e todos os pais aceitaram bem a gravidez, e todas as mães foram obstetricamente vigiadas durante a mesma, recebendo os devidos cuidados.

No que respeita à escolaridade das mães, esta foi em média de 11.08 anos (d.p=4,257) e dos pais foi em média de 9,27 anos (d.p=4,466), e pelas profissões, tendo em conta o sistema de classificação nacional de profissões, a amostra apresenta um estatuto de classe média ou média baixa;

As filmagens decorreram no contexto familiar do bebé ou num gabinete clínico do hospital, em função da escolha dos pais.

Procedimento

Após uma explicação aos pais do procedimento de recolha de dados e da recolha do consentimento, foi-lhes pedido que brincassem com o seu filho espontaneamente tal como fazem habitualmente nos tempos de brincadeira.

No gabinete clínico os brinquedos foram disponibilizados pela investigadora e estavam dentro, acima ou abaixo do nível etário da criança.

No contexto familiar os brinquedos foram disponibilizados pela família não havendo qualquer critério de seleção. As escolhas maternas e paternas não foram objeto de estudo, mas foram relevantes para a análise das narrativas.

A criança foi filmada em interação diádica com um dos progenitores, durante 3 minutos, seguindo-se o outro, na sala estavam presentes (para além da díade) o outro progenitor e a equipa de investigação (2 pessoas).

2.3- Instrumentos

Os vídeos foram transcritos sob forma de narrativas, uma para cada interação diádica, que constituíram o *corpus* de trabalho deste estudo exploratório. As narrativas foram organizadas em 6 colunas no sentido de facilitar a análise das mesmas:

Quadro 1- Transcrição das narrativas

Tempo	Vocalização do adulto	Vocalização da criança	Ações	Afetos	Cntexto
-------	-----------------------	------------------------	-------	--------	---------

Para a análise do *corpus* de trabalho retomámos 5 das categorias de Alves (2013).

1- Episódios: unidades coesas de jogo interativo.

Quadro 2- Episódios

Episódios	Caracterização
Início do episódio	Comportamento de um dos parceiros que claramente inaugura uma atividade de jogo interativo.
Encerramento do episódio por desinteresse	Um dos parceiros inicia outra atividade manifestando desinvestimento na atividade anterior.
Encerramento do episódio por mudança de atividade	Não parecendo existir desinteresse na atividade anterior, um dos parceiros inicia outra atividade. Uma interrupção não voluntária da atividade em curso como por exemplo o fim da gravação.

2- Sequencias verbais interativas: interações em que um dos parceiros verbaliza ou vocaliza.

Quadro 3- sequências verbais interativas

Sequências verbais interativas	Caracterização
Simple	Comportamento de um parceiro e resposta direta por parte do outro num intuito de manutenção da interação (ex.: M: como faz a vaquinha? F: muuu!)
Interrompidas	O parceiro não manifesta intuito de dar continuidade a essa troca (ex.: P: atira a bola ao pai. F: avança para outro brinquedo).
Expansivas	Um parceiro manifesta um comportamento aceitante do que o outro disse ou fez mas também retifica (ex.: F: aqui. P: põe aqui).
Extensiva	Um parceiro manifesta intuito de manutenção da interação (aceitando ou recusando o que o outro disse ou fez) mas também acrescenta informação (ex. F: pressiona suavemente uma tecla. R/P: faz com mais força para dar som).

3- Sequências não- verbais interativas: interações em que nenhum dos parceiros verbaliza ou vocaliza.

A subdivisão desta categoria segue a mesma lógica que para as sequências verbais interativas.

4- Afetos verbais: comportamentos afetivos expressos em palavras e acompanhados de uma tonalidade afetiva evidente (expressão facial e ou tonalidade de voz)

Quadro 4- afetos verbais

Afetos verbais	Caracterização
Elogio	O parceiro dirige palavras positivas à pessoa do outro, ao seu ser (ex: que lindo filho!)
Reforço positivo	O parceiro aprecia com palavras positivas o que o outro diz ou faz aumentando a probabilidade de repetição do

	comportamento (ex: isso! Essa foi muito bem!
Reforço negativo	O parceiro parece ignorar ou manifesta despreço pelo que outro diz ou faz aumentando a probabilidade de repetição do comportamento (ex: isso não sai daí. Anda cá.).
Reforço neutro	A resposta do parceiro não tem uma tonalidade afetiva clara e / ou não é possível de ser incluída nas categorias anteriores.

5- Afetos não-verbais: comportamentos, atitudes, vocalizações ou gestos impregnados de uma tonalidade afetiva evidente (expressão facial e/ou tonalidade de voz).

Quadro 5- Afetos não-verbais

Afetos não-verbais	Caracterização
Expressão facial atenta, sorridente (genuína)	O parceiro está atento, disponível, sorridente e alegre, exibindo variações de humor adequadas à interação.
Expressão facial estática, aborrecida ou zangada	O parceiro está desatento à interação ou inexpressivo, zangado ou tenso, desconfortável ou impassível.
Toque positivo	Contato físico prazeroso.
Toque negativo	Contato físico forçado ou que magoa.
Toque indireto	Contato físico mediado por um objeto
Vocalização positiva	Sons guturais, estalidos, beijinhos no ar, onomatopeias (ex: piu-piu-piu; tuc-tuc-tuc) acompanhados de tom de voz positivo, e.g. meigo, entusiasmante.
Vocalização negativa ou discrepante	Sons guturais, onomatopeias (ex: ai,ai,ai!) acompanhados de tom de voz negativo; e.g. gritado, resmungão, aflito, ameaçador. Observações incongruentes com a interação ou jocosas.
Fuga ou evitamento	Deslocação física súbita, fora do alcance do parceiro ou alheamento prolongado.

Para a análise da linguagem dirigida às crianças foram constituídas as seguintes categorias:

Quadro 6- Categorias da linguagem dirigida às crianças

Categorias	Caracterização
Categorias	Constitui um ato em que o enunciador pede uma informação ao seu coenunciador. É definida quer por estruturas linguísticas (o que é que...? Onde...? Como...?) quer pela curva de entoação.
Pedido de atenção	O enunciador solicita um comportamento ao seu coenunciador. É definida quer pela curva de entoação, quer por características linguísticas: uso de verbos no imperativo ou presente simples com valor imperativo (olha!, ouve!, vê! O uso de verbos perceptivos revela que a intenção do adulto obter a atenção da criança para uma situação, um objeto ou um modo de fazer
Pedido de ação	O enunciador solicita um comportamento ao seu coenunciador. É definida quer pela curva de entoação, quer por características linguísticas: uso de verbos no imperativo ou presente simples com valor imperativo (dá!; faz!; carrega!).
Explicação/ Demonstração	O enunciador no seguimento de comportamentos e ações da criança explica ou demonstra o que é e como funciona. Trata-se de enunciados que prolongam a ação e recorrem a mecanismos de elaboração.
Ordem	O enunciador solicita um comportamento do seu coenunciador através de uma ordem. (dá ao pai dá! Mostra à mãe, mostra! Anda cá!)
Elogio/ Estimulo	O enunciador toma posição em relação à situação ao sujeito e avalia positivamente comportamentos e ações, valorizando

	ou validando o comportamento do seu co- enunciador (que lindo! muito bem!).
Nomeação	O enunciador dá nomes aos objetos do contexto – o livro, a vaquinha, o porquinho – ou a ações da criança e características dos objetos e ações. (o carro amarelo)
Comentário	O enunciador comenta quer gestos, quer ações, quer vocalizações da criança. Normalmente é do domínio da constatação ou da descrição de comportamentos. (a Catarina gosta!)
Comentário negativo/ desaprovação	O enunciador posiciona-se de forma avaliativa acerca de um gesto, uma ação ou comportamento da criança. O enunciado tem sempre subjacente uma atitude crítica. (já partiste isso tudo; vais-te embora, não gosto mais de ti; não tem vergonha)

O comportamento de cada parceiro é cotado de acordo com a prestação do interlocutor, de acordo com o funcionamento diádico e atendendo ao próprio contexto.

Para este estudo, partimos dos comportamentos de construção de significação mãe/pai e criança para ilustrar os processos semióticos. As narrativas (a título ilustrativo apresenta-se uma das narrativas, cf. anexo1) possibilitam um olhar mais atento, pormenorizado dos comportamentos. A análise possibilitou uma reflexão sobre os papéis parentais na linguagem dirigida às crianças

A análise quantitativa de cada narrativa permitiu-nos a elaboração de tabelas síntese que estão dispostas em anexo (anexo 2). A partir destas tabelas analisámos comparativamente os enunciados dirigidos às crianças pelas mães e pelos pais.

Aquando da transcrição, os enunciados foram segmentados de acordo com critérios prosódicos e informativos. As categorias resultam da análise prévia das narrativas e tiveram em conta o formato linguístico e prosódico dos enunciados e sua finalidade. Assim foram tidos em conta na segmentação dos enunciados tanto pausas como a intenção comunicativa.

Assim, por exemplo, a categoria *interrogação* é definida quer por estruturas linguísticas (o que é que, ...? Onde...? Como...?) quer pela curva de entoação (Mateus et al. 2003). Constituem um ato em que o enunciador pede uma informação ao seu coenunciador.

Já a categoria *pedidos* (de atenção ou de ação) é definida quer pela curva de entoação, quer por características linguísticas: uso de verbos no imperativo ou presente simples com valor imperativo (dá!; faz!; carrega!). O enunciador solicita um comportamento ao seu coenunciador. A divisão em *pedido de ação* e *pedido de atenção* depende da finalidade do enunciado e é veiculada pelo semantismo de forma verbal (por exemplo: *olha* é considerado pedido de atenção e *dá* pedido de ação).

O comportamento de cada parceiro é cotado de acordo com a prestação do interlocutor, de acordo com o funcionamento diádico e atendendo ao próprio contexto.

2.4- Apresentação dos resultados

Neste capítulo, trataremos da apresentação dos resultados. Em primeiro lugar comparamos a qualidade dos comportamentos interativos entre mãe e filho(a), posteriormente entre pai e filho(a) em jogo livre. De seguida, compararemos os comportamentos em interação de mães e de pais em todas as dimensões analisadas. Faremos ainda análise das diferentes variáveis em correlato com as variáveis demográficas: idade, escolaridade dos sujeitos, etc.. Por fim, investigamos os comportamentos verbais dos Pais, comparando o tipo de enunciados dirigidos às crianças por pais e mães.

O nosso estudo apresenta dados de análise quantitativa (estatística) e da qualidade de interação diádica. A análise dos dados foi realizada com o recurso a estatística descritiva para descrever as médias, desvios padrão dos indicadores selecionados e a testes de comparação de médias paramétricos bem como correlações para medidas contínuas. Foi aceite o nível de significância de 0.5 e testada a normalidade das variáveis que nos permitiu optar por testes paramétricos.

2.4.1-Estudo comparativo das interações maternas e paternas

Nesta secção, apresentam-se os resultados da análise quantitativa realizada às categorias estabelecidas para o estudo da qualidade das interações dos Pais, de acordo com Alves, 2013.

Episódios- Início das atividades

Os episódios referem unidades de interação coesos. Foi tido em conta quem tem iniciativa de iniciar os episódios.

Tabela 1– Médias e desvios padrão

	<i>M</i>	<i>Dp</i>
Episódios iniciados pela mãe	2.18	1.81
Episódios iniciados pelo pai	1,63	1,35
Episódios iniciados pela criança com a mãe	1,90	1,32
Episódios iniciados pela criança com o pai	1,50	1.24

Nas interações mães- filhos ou pais filhos, a análise efetuada indica que não existem diferenças significativas nos episódios quer iniciados pelas mães ou pelos pais ($t(39) = 1.41$; ns) e quer iniciados pelos bebés de 15 meses com os pais ou com as mães ($t(39) = 1.26$; ns). Além disso, verifica-se que as mesmas não estão correlacionadas ($r = -.130$ & $r = .230$ respetivamente)

Sequencias Verbais Interativas

Tabela 2- médias e desvios padrão

	M	Dp
Sequencias Verbais Simples m	49,48	27,33

Sequencias Verbais Simples p	47,43	23,942
Sequencias Verbais Interrompidas m	14,38	8,737
Sequencias Verbais Interrompidas p	15,58	9,910
Sequencias Verbais Expansivas m	6,35	5,36
Sequencias Verbais Expansivas p	6,15	5,24
Sequencias Verbais Extensivas m	11,50	10,33
Sequencias Verbais Extensivas p	8,55	7,93

Tabela 3 – Correlações de amostras emparelhadas

	Verbal_m_ss	Verbal_m_si	Verbal_m_sp	Verbal_m st
Verbal_p_ss	,673***	-	-	-
Verbal_p_si	-	,533***	-	-
Verbal_p_sp	-	-	,152	-
Verbal_p st	-	-	-	,096

*** $P < ,001$; ** $p < ,01$; * $p < ,05$

Nas sequências verbais interativas, não verificamos diferenças significativas nos comportamentos verbais das mães e dos pais, nomeadamente, não existem diferenças ao nível de sequências verbais: simples, interrompidas, expansivas e extensivas (ss ($t(39) = .62$; ns), ao nível de si ($t(39) = -.84$; ns), de sp ($t(39) = .18$; ns) e de st ($t(39) = 1.66$; ns). Contudo, os comportamentos maternos e paternos estão correlacionados em duas dimensões, como se apresenta na tabela 3. Deste modo, quando as mães exibem mais comportamentos verbais (sequências simples e interrompidas) com os seus filhos verificamos que os pais, por seu lado, também exibem esses comportamentos com a criança. Deste modo as criança que recebem mais respostas verbais das suas mães também recebem mais respostas verbais com os pais. Este resultado deve ser objeto de reflexão já que pode ser um indicador da importância do *input* ou de deficit de *input*, já que as crianças que recebem mais *input* do pai também recebem mais *input* da mãe e aquelas cujas mães fornecem menos *input* também recebem menos *input* dos pais..

Sequências não-verbais interativas

Tabela 4- médias e desvio padrão

	M	Dp
Sequencias não-verbais Simples m	7,20	6,06
Sequencias não-verbais Simples p	7,13	5,40
Sequencias não-verbais Interrompidas m	6,25	4,33
Sequencias não-verbais Interrompidas p	6,20	4,39
Sequencias não-verbais Expansivas m	,88	1,36
Sequencias não-verbais Expansivas p	2,28	3,25

Sequências não-verbais Extensivas m	1,40	2,24
Sequências não-verbais Extensivas p	1,70	3,00

Tabela 5 – correlações de amostras emparelhadas

	Não Verbal_m_ss	Não Verbal_m_si	Não Verbal_m_sp	Não Verbal_m_st
Não Verbal_p_ss	,437***	-	-	-
Não Verbal_p_si	-	,509***	-	-
Não Verbal_p_sp	-	-	,435	-
Não Verbal_p_st	-	-	-	,521

*** $P < .001$ ** $p < .01$ * $p < .05$

Considerando as sequências não-verbais, não existem diferenças significativas nos comportamentos não-verbais das mães e dos pais, nomeadamente, não existem diferenças ao nível de sequências não-verbais: simples, interrompidas, expansivas e extensivas (ss ($t(39) = .07$; ns), ao nível de si ($t(39) = -.08$; ns), de st ($t(39) = .72$; ns) exceto para sp ($t(39) = -3.01$; $p = .004$). Contudo, estes comportamentos maternos e paternos estão correlacionados em todas as dimensões como se apresenta na tabela 5.

Deste modo, verificamos que quando as mães exibem mais comportamentos não-verbais (sequências simples, interrompidas, expansivas e extensivas) com os seus filhos os pais, por seu lado, também exibem mais frequentemente esses comportamentos com a criança

(deste modo as criança que recebem mais respostas não verbais das suas mães também recebem mais respostas não verbais com os pais).

Afetos verbais

Tabela 6- médias e desvio padrão

	M	Dp
Elogio mãe	,38	,77
Elogio pai	,05	,31
Reforço positivo mãe	37,20	19,34
Reforço positivo pai	32,57	13,53
Reforço negativo mãe	,72	1,37
Reforço negativo pai	1,12	2,25
Reforço neutro mãe	3,47	3,75
Reforço neutro pai	4,700	4,63

Tabela 7- Correlações de amostras emparelhadas

	Elogio m	Reforço positivo m	Reforço negativo m	Reforço neutro m
Elogio p	-,079	-	-	-

Reforço positivo p	-	,559***	-	-
Reforço negativo p	-	-	,160	-
Reforço neutro p	-	-	-	,381

*** $P < ,001$ ** $p < ,01$ * $p < ,05$

As mães exibem em média mais comportamentos afetivos, elogios, do que os pais ($t(39) = 2.93$; $p = .022$). Contudo, não existem diferenças significativas ao nível de Si ($t(39) = 1.80$; ns), sp ($t(39) = -1.04$; ns) e st ($t(39) = -1.64$; ns). As dimensões Elogio, Reforço positivo, Reforço negativo e Reforço neutro encontram-se relacionadas como se observa na tabela 7.

Afetos não-verbais

Expressões faciais

Os pais e as mães não se diferenciam quanto às expressões faciais positivas ($t(39) = -1.34$; ns) e negativas ($t(39) = -.76$; ns). No entanto, estes comportamentos estão altamente correlacionados ($r = -.730$ & $r = .786$; $p < .001$ respetivamente).

Vocalizações

Tabela 8- médias e desvio padrão

	M	Dp
Vocalização positiva m	2,02	4,32
Vocalização negativa p	2,20	2,80
Vocalização positiva m-t	8,52	21,52

Vocalização positiva p-t	6,10	12,87
Vocalização positiva mf	,225	,479
Vocalização positiva pf	,250	,707
Vocalização positiva mf-t	2,97	16,43
Vocalização positiva pf-t	,475	1,44

Tabela 9- Correlações de amostras emparelhadas

	Vocalização positiva m	Vocalização positiva m-t	Vocalização mf	Vocalização positiva mf-t
Vocalização positiva p	,116	-	-	-
Vocalização positiva p- t	-	-,051	-	-
Vocalização positiva pf	-	-	-,170	-
Vocalização positiva pf-t	-	-	-	-,061

$P < .001$ *** $P < .001$ ** $p < ,01$ * $p < ,05$

Os pais e as mães não se diferenciam quanto às vocalizações ($t(39) = -.23$; ns), ($t(39) = -.60$; ns), ($t(39) = .17$; ns), e ($t(39) = -.95$; ns),. nem os comportamentos estão correlacionados (ver tabela 9).

Evitamento

Tabela 10- médias e desvio padrão

	M	Dp
Evitamento m	,350	1,00
Evitamento p	,275	,816
Evitamento m – t	,500	1,82
Evitamento p- t	,350	1,09
Evitamento mf	,925	1,75
Evitamento pf	1,87	4,31
Evitamento mf-t	1,57	3,57
Evitamento pf-t	1,50	5,45

Tabela 11- Correlações de amostras emparelhadas

	Evitamento m	Evitamento m-t	Evitamento mf	Evitamento mf-t
Evitamento p	,350***	-	-	-

Evitamento p-t	-	,332***	-	-
Evitamento pf	-	-	,397	-
Evitamento pf-t	-	-	-	,099

*** $P < .001$ ** $p < .01$ * $p < .05$

Os pais e as mães não se diferenciam quanto à afetividade ($t(39) = -.23$; ns), ($t(39) = -.60$; ns), ($t(39) = .17$; ns), e ($t(39) = -.95$; ns). Contudo, os comportamentos de evitamento das mães e dos pais estão correlacionados bem como os comportamentos dos filhos com os pais (ver tabela 11).

2.4.2 Relação entre as variáveis dependentes e as variáveis demográficas

Examinámos as relações entre os comportamentos interativos e as variáveis demográfica.

O evitamento das mães com os filhos está correlacionado com a escolaridade materna ($r = .442$ $p < .005$). Por seu lado, o evitamento dos seus filhos com elas também está correlacionado com a escolaridade materna ($r = .338$ $p < .05$).

As crianças com mais irmãos tendem a iniciar mais atividades ($r = -.380$ $p < .05$).

As mães ($r = .338$ $p < .05$) e os pais ($r = .421$; $p < .01$) mais velhos tendem a exibir mais comportamentos não verbais.

As mães tendem a apresentar expressões faciais mais positivas ($r = .349$ $p < .05$) e menos positivas ($r = -.338$ $p < .05$), quando os filhos nasceram com maior idade gestacional. Os pais exibem mais afeto positivo ($r = .444$ $p < .05$) com bebés que nasceram com maior peso gestacional.

As crianças nascidas com índices inferiores de Apgar tendem a apresentar, com maior frequência, expressões faciais negativas com a mãe ($r = .718$ $p < .05$) e afeto negativo ($r = .329$ $p < .05$). Os meninos exibem significativamente mais evitamento à mãe ($t(38) = -2.459$; $p < .01$)

do que as meninas, As meninas exibem mais vocalizações negativas dirigidas ao pai ($t(38) = 2.161; p < .05$), As meninas exibem mais expressão facial negativa ao pai ($t(38) = 2.158; p < .05$)

2.4.3 Linguagem dirigida às crianças

No que concerne à linguagem dirigida à criança, analisaram-se os enunciados que pais e mães dirigem aos seus filhos. Esses enunciados foram, como referido, categorizados em interrogações, pedido de atenção, pedido de ação, explicação/ demonstração, ordem, elogio/estímulo, nomeação, comentário, comentário negativo /desaprovação

Dos resultados, salienta-se: não se verificaram diferenças significativas entre pais e mães nas categorias: interrogação, pedido de atenção, pedido de ação, explicação, demonstração, ordem, comentário, comentário negativo, desaprovação. Os enunciados elogio-estímulo e nomeação apresentam diferenças significativas, conforme se pode verificar na tabela abaixo. Além destes, apresentam diferenças subsignificativas os comentários positivos e negativos.

Tabela 12- médias e desvio padrão

	M	Dp
Elogio estímulo m	2,58	2,56
Elogio estímulo p	1,28	1,69
Nomeação m	3,68	4,53
Nomeação p	2,23	2,39

Os resultados indicam diferenças na média dos comportamentos dos pais e das mães relativamente a:

- Elogio estímulo [$t(40) = 2.878; p < .005$]. – as mães fizeram mais elogios estímulos em média do que os pais;

- Nomeação [$t(40) = 2.033; p < .05$]. – as mães fizeram mais nomeações em média do que os pais;

(sub-significativo os comentários positivos e negativos – em média as mães fizeram mais comentários positivos e em média os pais fizeram mais comentários que os pais)

De salientar que os comportamentos dos pais e das mães se encontram correlacionados (ver tabela 13) nas seguintes categorias (quando os pais tinham mais destes comportamentos as mães também apresentavam mais destes comportamentos):

- perguntas,
- pedidos de atenção,
- comentários positivos
- ordens.

Tabela 13- Correlações de amostras emparelhadas

	Perg_M	Perg_P	Ped_atç_M	Ped_atç_P	Ped_aç_M	Ped_aç_P	Exp_M	Exp_P	Ord_M	Ord_P	Elg_M	Elog_P	Com+M	Com+P
Perg_M	-	,543***	-.012	,067	,227	-.070	,330*	-.005	,034	,316*	,053	-.161	,441**	,047
Perg_P	-	-	,068	-.183	,060	-.022	,068	,125	,101	,365*	-.285	-.007	,481**	,244
Ped_atenç_M	-	-	-	,369*	,345*	,276	-.061	,200	,063	-.035	,053	-.077	,242	,245
Ped_atenç_P	-	-	-	-	,170	,108	,207	,320*	,133	,064	,091	-.106	-.166	,075
Ped_aç_M	-	-	-	-	-	,099	,217	,285	,133	,111	,147	,009	,264	,237
Ped_aç_P	-	-	-	-	-	-	-.079	,265	,185	-.106	-.111	-.078	-.073	,165
Exp_M	-	-	-	-	-	-	-	,213	,196	-.104	,110	,115	,199	-.143
Exp_P	-	-	-	-	-	-	-	-	-.068	-.098	-.265	,334	-.057	-.101
Ord_M	-	-	-	-	-	-	-	-	-	,481**	,051	,255	,365*	,380*
Ord_P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-.116	-.014	,426**	,440*
Elg_M	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	,146	,078	-.256
Elg_P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	,073	-.115

*** $P < .001$ ** $p < .01$ * $p < .05$

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo deste estudo consistiu em analisar e comparar os comportamentos interativos, maternos e paternos com bebês de 15 meses em situação de jogo livre e comparar a linguagem usada pelos progenitores e a implicação no processo da linguagem do bebê de 15 meses.

Observamos separadamente a mesma criança em interação com um dos progenitores e depois com o outro em situação de jogo livre. Descrevemos pormenorizadamente os comportamentos interativos e a linguagem utilizada pelo progenitor dirigida à criança.

A concretização do comportamento interativo sequencial favoreceu a análise da relação entre os interlocutores e entre os diferentes elementos do comportamento (sorrisos, olhares, toques positivos/ negativos, postura corporal, verbalizações, elogios). Interpretámos cada intenção e significação dos comportamentos de cada um dos parceiros. As narrativas possibilitaram um olhar atento e minucioso. Avaliámos a distribuição do tempo que nos permitiu revelar os ciclos e os ritmos (do olhar, do sorriso, do choro, etc). Por fim quantificamos o número de categorias que nos permitiu elaborar uma tabela síntese.

A partir dessas tabelas sínteses, elaborámos a análise estatística para o estudo comparativo mãe-filho(a), pai-filho(a).

Como vimos na revisão bibliográfica, para que as crianças aprendam a falar e a interagir a relação com outros é o elemento chave. As trocas comunicativas com outra pessoa, permitem que a criança aprenda a ter mais recursos em relação às habilidades comunicativas e cognitivas (Vygostky, 1996; Tomasello, 2003).

A adequação dos comportamentos dos adultos em relação às crianças têm impacto no desenvolvimento linguístico e comunicativo destas (Tamis-LeMonda, Kuchirko & Song, 2014; Karasik, Tamis Le-Monda & Adolph, 2014).

Respostas dos Pais adequadas e contingentes são preditores de ganhos no desenvolvimento da linguagem (Landry, Smith, & Swank, 2006). Não é só a interação, mas o modo como os pais interagem – o seu estilo comunicativo - é importante no desenvolvimento da criança. Por exemplo, as perguntas das mães são um importante fator de desenvolvimento da linguagem (Hoff, 2006)

Relativamente, aos dados do nosso estudo, destacamos em seguida alguns pontos.

1- Comportamentos interativos Mãe- Filho(a), Pai- Filho(a)

Aos 15 meses, observámos as díades, mãe- filho(a) e pai- filho(a) separadamente e analisámos a partir das categorias de Alves,2013: episódios, sequências verbais interativas, sequências não-verbais interativas, afetos verbais e afetos não-verbais.

Quando comparamos as díades mãe- filho(a) e a pai- filho(a) no que diz respeito aos episódios, sequências verbais e sequências verbais não-verbais não encontramos nenhuma significância, no entanto, quando correlacionamos díade mãe- filho e díade pai-filho encontramos correlações significantes.

Os dados indicam que na categoria **sequências verbais** os comportamentos maternos e paternos estão correlacionados em duas dimensões: sequências simples e sequências interrompidas.

Alves (2013) ressalta no seu estudo que as mães recorrem mais à linguagem verbal na interação com os seus filhos, falam mais e durante mais tempo do que os pais. O mesmo não se verifica no nosso estudo.

No nosso estudo, conseguimos ir mais longe ao alargarmos o número de díades estudadas. Assim, verificámos que quando as mães exibem mais comportamentos verbais com os seus filhos também se verifica que os pais também exibem esses mesmos comportamentos, deste modo as crianças que recebem mais respostas verbais das suas mães também recebem mais respostas dos seus pais. Assim, parece que mais do que diferenças de género dos Pais ou dos filhos, na relação com os filhos, a coabitação é uma variável a ter em conta. A convivência dos progenitores seria modelador de comportamentos e de estilos da interação em geral e, em particular de aspetos da interação verbal.

Pais e mães usam com frequência sequências simples que se caracterizam pela resposta direta de um parceiro face a um comportamento no intuito de manter a interação. Alguns exemplos retirados do *corpus* do presente estudo:

- a) a mãe diz *como é que faz o galo?* e a filha responde *có*;
- b) o pai diz *faz o comboio* e a filha imita o som do comboio *oh! Bobo*
- c) a mãe com o telefone na mão diz *tá?*, e o filho responde *tá!*
- d) o pai aponta para a boneca e pergunta *quem é?* E a filha responde *eca (boneca)*.

Estas interações de natureza simples operam como facilitadores das verbalizações das crianças. A mãe e o pai ao aceitar a verbalização da criança faz com que ela se sinta motivada,

e este comportamento vai motivar a criança a encetar ou dar continuidade à interação. Na verdade, os pais, como vimos na revisão bibliográfica, constroem os contextos em que as crianças descobrem a natureza semiótica de gestos e vocalizações (Vygostky, 1996; Tomasello, 2003). Os pais, na conversa, seguem os gestos e olhares dos filhos e criam contextos em que elaboram significação. Ao solicitarem as crianças, constantemente, quer através de pedidos de atenção, quer através de pedidos de ação os pais visam construir espaço de intervenção dos filhos. Pedir e dar tempo para que a criança se expresse é, na realidade, constituir a criança como coenunciador, mesmo quando ela não fala. Como se verifica, nos enunciados acima os pais solicitam os filhos e estes agem numa construção de enunciados a dois em que a criança prolonga o enunciado dos pais.

Por sua vez nas sequências verbais interrompidas - que são caracterizadas por uma falta de continuidade interativa (interrupções, chamadas de atenção), as crianças e os pais quebram quer verbalmente, quer através de outros comportamentos (olhares, gestos, etc) a interação. Nesta sequência é interessante notar que por vezes, se geram comportamentos de negociação. O que, como salientado em Alves (2013:87), tem um papel em termos de desenvolvimento já que a negociação faz parte das competências requeridas para a socialização. A mesma autora refere, igualmente, estes comportamentos coincidem com a possibilidade de os pais vão dando à aprendizagem por ensaio e erro.

No nosso estudo, quando comparamos os comportamentos não-verbais das mães e dos pais, não verificamos diferenças significativas. No entanto, estes comportamentos não-verbais maternos e paternos estão correlacionados em todas as dimensões. Por outras palavras, as crianças que recebem mais respostas não-verbais das suas mães, também recebem mais respostas não-verbais dos seus pais.

Nos que concerne ao afetos verbais as mães exibem, em média, mais comportamentos afetivos do que os pais. Contudo, não se verificam diferenças nas categorias elogio, reforço negativo e reforço neutro. Ressalte-se, porém, que o reforço positivo e o reforço neutro da mãe estão correlacionados com os mesmos tipos de reforço por parte do pai. Mães e pais reforçam positivamente o filho(a) durante a brincadeira, o que aumenta a probabilidade de a criança se motivar e repetir o comportamento desejável.

Descortinamos princípios de educação e aculturação (Tomasello, 2003).

Nos afetos não-verbais, na categoria das expressões faciais positivas e negativas, os pais e mães não se diferenciam mas estes comportamentos estão altamente correlacionados.

Estes resultados poderão estar ligados ao facto da criança ser muito pequena e perceber desde muito cedo que os seus comportamentos desenvolvem um papel no seu ambiente social.

Assim os adultos respondem-lhes da mesma forma com sorrisos, olhares, gestos, vocalizações.

A coincidência entre o olhar da criança e do seu parceiro é extremamente importante para o estabelecimento de comunicação e intencionalidade compartilhada ente considerado ambos (Sacks, 1997).

O evitamento dos pais com os filhos está correlacionada com a escolaridade paterna, e por seu lado o evitamento dos seus filhos com eles está também correlacionada com a escolaridade paterna. Poderemos relacionar a escolaridade dos pais com nível socioeconómico e com a situação de emprego. Os pais que passam mais tempo fora de casa, distanciados da vida dos filhos estabelecem menos laços de vinculação com os seus filhos.

Fuertes et al (2009) refere que o baixo estatuto económico das famílias é um fator que afeta diretamente o comportamento dos pais e filhos de forma negativa.

Este estudo leva-nos a refletir se os pais com o casamento ou com o tempo que passam juntos adquirem os comportamentos um do outro para uma melhor convivência e ajustam-se na educação dos seus filhos para um melhor desenvolvimento da criança. Por vezes os pais tendem a moldar o seu comportamento.

Faria (2011) no seu estudo menciona Belskky e colaboradores (1984) que refere que as características da interação paterna podem manter-se estáveis ao longo do tempo mas que a sensibilidade paterna pode ser influenciada por variáveis como a qualidade marital e o apoio da esposa ou parceira.

Balancho (2003) refere que os dados mostram que não há diferenças entre mãe e pai em termos de competência na relação com os filhos, podendo ambos dos pais serem bons ou maus.

Na análise de resultados não há diferenças significativas nos episódios. A não significância nesta dimensão da qualidade da interação merece reflexão. Ainda que em média os Pais iniciem mais episódios, os filhos iniciam igualmente episódios o que revela agentividade na interação. As crianças são sujeitos ativos que iniciam episódios em que os Pais se envolvem.

2- Relação dos fatores demográficos na interação mãe-filho, pai-filho

As mães tendem a apresentar expressões faciais mais positivas quando os filhos nasceram com maior idade gestacional. Os pais exibem mais afeto positivo com bebês que nasceram com maior peso gestacional.

Quando uma criança nasce com bom peso gestacional os pais sentem-se menos preocupados e conseguem dedicar-se mais ao filho(a) acabando por estabelecer uma vinculação mais segura, por sua vez, se a criança nasce com menos peso gestacional pode influenciar o comportamento parental (Fuertes, Faria, Soares & Crittenden, 2009). Se a criança nasce com problema de saúde os pais sentem-se inseguros com grande preocupação face ao seu futuro o que os leva a descuidar do jogo interativo em detrimento da prestação dos cuidados de atenção nos problemas de saúde (Faria, 2011).

As crianças nascidas com índices inferiores de Apgar tendem a apresentar com maior frequência expressões faciais negativas com a mãe e afeto negativo. Thomas & Chess, 1997 citado em Faria mencionam que os comportamentos dos bebês podem influenciar os pais através de sinais e da forma como sinalizam as suas necessidades. Por exemplo se uma criança é difícil de acalmar (choro insistente) poderá incutir na mãe sentimentos de impotência sendo mais difícil de amar quando comparado com uma criança alegre e bem-humorada que provocará nos pais uma sensação de alegria e orgulho. Fuertes et al 2009, refere que a saúde do bebê poderá ter uma carga importante no comportamento parental e na interação mãe-filho.

Os meninos exibem significativamente mais evitamento à mãe do que as meninas, As meninas exibem mais vocalizações negativas dirigidas ao pai, As meninas exibem mais expressão facial negativa ao pai. Os pais e as mães tendem a ter expectativas e relacionamentos diferentes com os filhos e as filhas. Estes dados estão de acordo com a bibliografia que aponta uma maior sincronia entre díades do mesmo género (Faria, Lopes e Fuertes, 2014).

Verificamos que as crianças com mais irmãos tendem a iniciar mais atividades. Será este resultado resultante da interação com os irmãos. Famílias mais alargadas, com maior número de filhos, seria um contexto em que as crianças desenvolvem um maior sentido de autonomia. O relacionamento entre irmãos favoreceria o desenvolvimento de ambos, contactando com os irmãos a criança construiria autonomia. Este é um aspeto a merecer mais

estudo. Numa investigação sobre crianças do pré-escolar, Silva, 2009 não encontra relação entre o número de irmãos e a construção da autonomia.

Lobato (1990) refere que nas interações entre irmãos há uma maior similaridade de papéis o que pode conduzir a conflitos, assim como à resolução de problemas. O facto de ter que dividir a atenção dos pais com os irmãos também pode ser um indicador de autonomia.

As mães e os pais mais velhos tendem a exibir mais comportamentos não-verbais. Faria (2011) refere que os pais com mais idade e por sua vez com mais experiência conseguem ter uma visão mais clara do que desejam para o futuro seu filho. A atitude que os pais tem nas interações, experiencia vivenciada enquanto criança, sensibilidade nos cuidados prestados à criança, poderão induzir a comportamentos mais calmo de maior expressividade, mais sorrisos e de procurarem mais o face a face com os filhos.

Idade dos pais: no nosso estudo constatamos que as mães e pais aparentemente com mais idade parecem ser mais responsivos e exprimem afetos mais positivos. Assim, a variável idade interfere na qualidade da relação entre pais e filhos. Os nossos dados estão de acordo com resultados de outros estudos. Por exemplo, Portugal (1998) realça que as mães com mais idade interagem com os seus filhos de um modo positivo, estimulante e empático.

Escolaridade dos pais: o evitamento dos pais com os filhos está correlacionada com a escolaridade paterna, e por seu lado o evitamento dos seus filhos com eles está também correlacionada com a escolaridade paterna. Poderemos relacionar a escolaridade dos pais com nível socioeconómico e com a situação de emprego. Os pais que passam mais tempo fora de casa, distanciados da vida dos filhos estabelecem menos laços de vinculação com os seus filhos. Estes dados relacionam-se com conclusões de Fuertes et al (2009) que referem que o baixo estatuto económico das famílias é um fator que afeta diretamente o comportamento dos pais e filhos de forma negativa.

De igual forma, o evitamento das mães com os filhos está correlacionada com a escolaridade materna e por seu lado o evitamento dos seus filhos com elas também está com correlacionada com a escolaridade materna. Podemos aceitar que este resultado possa estar associado ao fato da mãe com mais escolaridade se dedicarem mais ao cuidar e brincar com os filhos, mostram também mais sensibilidade aos sinais emitidos pelos filhos e dão respostas mais eficazes às solicitações dos seus filhos, por outro lado, as mães com menos escolaridade controlam mais os movimentos dos seus filhos (Faria, 2011).

Número de irmãos: as crianças com mais irmão tendem a iniciar mais. Tal comportamento é sinal de que as crianças terão mais iniciativa. Será a extensão da fratria uma variável a ter em conta? Até que ponto uma fratria mais alargada favorece um comportamento de maior capacidade de iniciativa? Sendo a iniciativa um indicador de autonomia o número de irmãos seria uma variável importante, No entanto, Silva, 2009 num estudo sobre crianças mais velhas (pré-escolar) conclui que o número de irmãos não tem influência na autonomia das crianças. Resultados díspares indicam a necessidade de mais investigação.

Dados biológicos: também o peso gestacional e o índice de Apgar influenciam a relação que pais e mães estabelecem com os seus filhos. Bebés mais robustos parecem suscitar nos pais comportamentos mais positivos. Bebés com melhor índice de Apgar suscitam comportamentos mais positivos dos pais.

Género da criança: esta variável apresenta também influência nas relações filhos pais. Como referido nos resultados, os filhos apresentam maior evitamento com as mães e as meninas expressam mais vocalizações e afetos negativos em relação aos pais. Este aspeto vai de encontro a resultados de estudos anteriores que assinalam maior sincronia nas díades do mesmo género (Manlove & Vernon-Feagans, 2002),

Estes resultados levam-nos a refletir sobre a sociedade onde vivemos. Pais e mães que passam grande parte do seu tempo fora de casa a trabalhar. Quando chegam a casa repartem o seu tempo pelas tarefas diárias e pelos cuidados com os filhos (o banho as tarefas da escola, o jantar, o brincar). Faria, Santos e Fuertes (2014), ressaltam do seu estudo, que as mães que brincam mais com os seus filhos estabelecem relações de maior vínculo, por sua vez os pais que se dedicam às tarefas diárias de cuidados com os filhos também criam vínculos mais fortes.

3- Linguagem Dirigida

No que concerne à linguagem dirigida à criança os resultados revelam comportamentos cujas diferenças não são significativas. Assinalam-se diferenças na média dos comportamentos verbais dos pais e mães relativamente a:

- (i) **elogio estímulo**- as mães fizeram em média mais elogios estímulos do que os pais,
- (ii) **nomeação** - as mães fizeram em média mais nomeações do que os pais (sub-

significativo os comentários positivos e negativos- em média as mães fizeram mais comentários positivos e em média os pais fizeram mais comentários que as mães).

No presente estudo verificou-se que os pais e as mães apresentaram falas similares na interação com os filhos(a), no entanto, as mães fazem mais elogios estímulo. Acresce a este dado o facto de as mães também apresentarem mais comentários positivos (ainda que estes sejam subsignificativos). Estes dados estão de acordo com bibliografia que aponta que as mães apresentam respostas mais positivas em relação aos seus filhos (Faria, Santos e Fuertes; Alves, Fuertes e Sousa, 2015).

Do mesmo modo, as mães exibem mais enunciados cuja finalidade é nomear a realidade circundante. Esta característica releva da necessidade de dar nome, construindo a significação aos objetos de atenção conjunta na interação. Não é de mais salientar a importância dada à fala dirigida às crianças e o papel que a repetição tem na aprendizagem da linguagem (Veneziano, 2014). Pudemos observar que não só as mães nomeiam muito como o fazem de modo repetitivo, retomando em contextos sintáticos diferentes a mesma palavra, pondo-a em destaque.

Os estudos apontam que a linguagem das mães tem um impacto positivo no desenvolvimento da criança, podemos então constatar que a quantidade de linguagem dirigida à criança será preditor da aquisição de vocabulário. Neste caso, as mães apresentam mais comportamentos do que os pais em que nomeiam quando falam com os seus filhos.

A fala dirigida às crianças por pais e mães encontra-se correlacionada nas seguintes categorias (quando os pais tinham mais destes comportamentos as mães também apresentavam mais destes comportamentos): **perguntas, pedidos de atenção, comentários positivos e ordens.**

Para Rondal (1980), as falas maternas e paternas são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem da criança, os pais oferecem oportunidades às crianças de partilhar experiências e conhecimentos únicos e ao mesmo tempo complementares. No nosso estudo, mais do que a complementaridade, sobressai a conformidade já que pais e mães apresentam um grande leque de comportamentos verbais correlacionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar a linguagem e os comportamentos interativos dos Pais (Mãe/Pai) Filhos com crianças de 15 meses, procurando caracterizar e comparar a linguagem dirigida às crianças pelos Pais e comportamentos diádicos tanto em relação à sensibilidade em responder aos sinais da criança, quanto em relação às iniciativas, visando a estimulação ou a antecipação de suas ações.

O facto de estudarmos em simultâneo os comportamentos de pais e mães é uma mais-valia do nosso estudo. Na verdade, os estudos sublinham o ser necessário estudar mais o papel dos pais no desenvolvimento dos seus filhos (Faria, Santos e Fuertes, 2014; Fernandes, 2015). A bibliografia tem colocado em destaque a falta de estudos neste âmbito (Abkarian e Dworkin, 2001, Abkarian et al, 2003, Faria, Lopes, Fuertes, 2014). Como concluímos, há diferenças nos comportamentos de pais e mães, mas são mais de salientar as similitudes. As conclusões apontam, deste modo, para uma aproximação de comportamentos dos pais. Será que tal se relaciona com novos papéis e, eventualmente, novos estatutos no domínio da parentalidade? Este ponto abre caminho para futuras investigações.

Contudo a caracterização e observação da linguagem centrou-se principalmente no adulto, futuramente é importante incluir e caracterizar o comportamento da criança face à linguagem dirigida.

Este estudo partiu de uma análise descritiva que nos permitiu olhar para os fenómenos diádicos e descrever de forma detalhada (isenta de juízos de valor), e pormenorizada as trocas interativas Pais- Filhos (as).

Limitações do Estudo. Este trabalho apresenta um número considerável de díades (80) e uma das dificuldades sentidas foi na descrição das narrativas. A descrição dos comportamentos, das vocalizações, das expressões faciais e corporais, segundo a segundo, exigiu uma minúcia e interpretação das trocas entre parceiros, parecendo muitas vezes que estava aquém do que se visionava no vídeo. Outra das dificuldades sentidas prendeu-se com a cotação das narrativas. Sendo só uma cotadora, por vezes, o olhar sobre as cotações partiu da minha sensibilidade como pessoa, profissional da educação e como mãe. Parece-me relevante que futuros estudos tenham a participação de vários cotadores para promover a discussão e a reflexão, com fim de os resultados serem mais fidedignos.

Muito embora pesem estas limitações, os resultados são originais e revelam como os Pais são as figuras mais importantes para a criança e como apesar de desempenharem papéis diferentes oferecem oportunidades de aprendizagens.

As interações em situação de jogo livre estão imbuídas de trocas de afeto de segurança que permite e potencializa a exploração do mundo, de estabilidade e confiança que permite adquirir competências e desenvolver linguagem

Ressalta-se a importância do brincar para aproximar Pais e filhos (as) e estabelecer relações de qualidade, conforme pudemos verificar no nosso estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abkarian, G.G., Dworkin, J.P., Abkarian, A. K. (2003). Fathers' Speech to Their Children: Perfect Pitch or Tin Ear?. *Fathering*, 1 (1): 27-50.

Abkarian, G.G., & Dworkin, J. (2001). *Dads are different: Fathers' speech to their children*. Paper presented at the American Speech-Language-Hearing Association Convention, New Orleans

Aguiar, C. (2009). *Comportamentos interativos maternos e envolvimento da criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Almeida, I. (2009). *Estudos sobre a Intervenção Precoce em Portugal: ideias dos especialistas, dos profissionais e das famílias*. Lisboa: Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

Állan, S., Souza, C.B.A. (2009). O Modelo de Tomasello sobre a Evolução Cognitivo-Linguística Humana. Universidade Federal do Pará, vol.25, n. 2. Pp.161-168.

Alves, M. J., Fuertes, M. & Sousa, O. (2014). Comportamentos interativos mãe-filho(a) e pai-filho(a) aos 15 meses de vida. Estudo exploratório. Artigo publicado em atas com revisão de pares). In Atas do II Encontro de Mestrados em Educação e Ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa, 2, 39-49.

Alves, M.J.M. (2013). *Estudo Exploratório dos Comportamentos Interativos Mãe-Filho(a) e Pai-Filho(a) aos 15 meses de vida*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Educação de Lisboa. Lisboa

Balancho, L. S.. (2003) SER PAI, HOJE. Lisboa. Editorial Presença.

Barwick, A.M., Cohen, N. J., Horodezky, N.B. & Lojkasek, M. (2004) Infant communication and the mother-infant relationship: The importance of level of risk and

construct measurement. *Infant Mental Health Journal* 25 (3), 240-266.

Brazelton, T.B. & Cramer, B.G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.

Brazelton, T.B., Cramer, B.G. (1989). *A Relação Mais Precoce, os pais, os bebês e a interação precoce*. Lisboa, Terramar

Brazelton, T.B., Sparrow, J.D. (2004). *A criança e o choro*. Lisboa. Editora Presença

Bruner J. (1981). The social context of language acquisition. *Language and Communication*, 1, 155 - 178

Carpenter, M., Nagell, K. & Tomasello, M. (1998) Social cognition, joint attention and communicative competence from 9 to 15 months of age. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 63, (4, serial No 255).

Carranza, J.A, González, C. (2003). *Temperamento en la infancia*. Barcelona Editorial Ariel, S.A.

Dixon Jr, W.E. & Smith, P.H. (2003) Who's controlling whom? Infant contributions to maternal play behavior. *Infant and Child Development* 12 (2), 177-195

Dunst, C. J., McWilliam, R. A., & Holbert, K. (1986). Assessment of preschool classroom environments. *Diagnostic*, 11, 212-232.

Faria, A. (2011). *Continuidade e desenvolvimento dos processos de vinculação à mãe e ao pai durante os primeiros 18 meses de vida*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto: Porto. .

Faria, A., Santos, J.L., Fuertes, Marina (2014). Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes *Análise Psicológica* , 4 (XXXII): 419-437

Fernandes, (2015). *Será do género dos filhos ou dos pais? Estudo sobre o efeito do género das crianças e dos pais na qualidade da interação, comunicação e atividade conjunta*. Dissertação de mestrado, apresentada ao Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação.

Fonsêca, P.N., Salomão, N.M.R., (2005). *Análise Comparativa Das Falas Maternas E Paternas Dirigidas Às Crianças*. Universidade Federal da Paraíba, Paidéia, 15(30), 79-91.

Freitas-Magalhães, A. (2009). *A psicologia do sorriso humano*. Edições Universidade Fernando Pessoa: Porto.

Fuertes, M. (2012). Vários olhares sobre as diferenças na vinculação e contributos para a intervenção precoce. *Revista Da Investigação às Práticas*, 2, 23-50.

Fuertes, M., Faria, A., Soares, H., Oliveira-Costa, A., Corval, R. & Figueiredo, S. (2009). Dois parceiros, uma só dança: contributo do estudo da interação mãe-filho para a intervenção precoce. In G. Portugal (Ed.), *Ideias, projectos e inovação no mundo das infâncias: o percurso e a presença de Joaquim Bairrão*.

Fuertes, M. (2005). *Rotas da Vinculação – O desenvolvimento do comportamento interactivo e a organização da vinculação no primeiro ano de vida do bebé prematuro*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto: Porto.

Fuertes, M., Faria, A., Soares, H., Oliveira-Costa, A., Corval, R., & Figueiredo, S. (2009). Dois parceiros, uma só dança: Contributo do estudo da interação mãe-filho para a Intervenção Precoce. In G. Portugal (Ed.),

Gomes-Pedro, J. (1999). *A criança e a nova pediatria*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Hart, B., & Risley, T. R. (1995). Meaningful differences in the everyday experience of young American children. Baltimore, MD: Brookes.

Hoff, E. (2003). The specificity of environmental influence: socioeconomic status affects early vocabulary development via maternal speech. *Child development* 74: 68-78.

Karasik, L., Tamis Le-Monda, C. & Adolph, K. (2014). Crawling and walking infants elicit verbal responses from mothers. *Developmental Science*, 17(3): 388-395.

McWilliam, R.A., Scarborough, A.A., & Kim, H. (2003). Adult interaction and child engagement. *Early Education and Development*, 14 (1), 7-27.

McWilliam, R. A., Trivette, C. M., & Dunst, C. J. (1985). Behavior engagement as a measure of the efficacy of early intervention. *Analysis and Intervention on Developmental Disabilities*, 5, 59-71.

Morris, D. (1980). Infant attachment and problem solving in the toddler: Relations to mother's family history. Unpublished doctoral dissertation, University of Minnesota. National Institute of Child Health and Human Development (NICHD) Early Child Care Research Network. (2000). The relation of child care to cognitive and language development. *Child Development*, 71, 960-980.

Papalia, D. E, Olds, S. W, Feldman. R. D, (2001) *O Mundo da Criança*, McGraw-Hill de Portugal, Lda.

Pederson, D. R., & Moran, G. (1996). Expressions of the attachment relationship outside of the Strange Situation. *Child Development*, 67, 3, 915-927.

Pedroso, J. & Branco, P. (2008). Mudam-se os tempos, muda-se a família. As mutações do acesso ao direito e à justiça de família e das crianças em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 82: 53-83.

Picq, P., Sagart, L., Ghislaine, D., Lestienne C. (2008). *Uma História da Linguagem*. Lisboa: Texto & Grafia.

Pine, J.M., Lieven, E.V.M., & Theakston, A.L. (2003). Determinants of 43 acquisition order in why-questions: re-evaluating the role of caregiver speech. *Journal of Child Language*, 30, 609 – 635.

Portugal, Gabriela (1998). *CRIANÇAS, FAMILIAS E CRECHES, Uma Abordagem Ecológica Da Adaptação Do Bebê à creche*. Lisboa, Porto Editora.

Raspa, M. J., McWilliam, R. A., & Ridley, S. M. (2001). Child care quality and children's engagement. *Early Education and Development*, 12, 209-224. Rowland, C.F.,

Reunamo, J & Nurmilaakso, M. (2007). Vygotsky and agency in language development. *European Early Childhood Education Research Journal*, 15(3):313.324.

Rombert, J. (2013) *O Gato Comeu-te a Língua*. Lisboa A Esfera dos livros

Serra M., Serrat E., Solé R., Bel A., Aparici M. (2000). *La adquisición del lenguaje*. Barcelona Editorial Ariel, S.A.

Silva, M. (2009). *Comportamentos de autonomia nos anos pré-escolares na transição para a escolaridade obrigatória*. Dissertação de mestrado apresentada à FPCE da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/2143>

Soares, I. (2001). Vinculação e cuidados maternos. In M C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.

Sousa. S. (2004). *Estilos de Comunicação Pais-Bebê*, Climepsi Editores.

Tamis_LaMonda, C., Bamweel, L. & Cristofaro, T. (2012). *Parent-child conversations during play*. *First Language*, 32 (4), 413-438

Tamis-LeMonda,C., Kuchirko, Y. & Song, L. (2014). Why is infant language learning facilitated by parental responsiveness? *Current Directions in Psychological Science*, 23 (2):121-125

Tomasello, M. (2009). *The usage-based theory of language acquisition*. In *Bavin, E. The Cambridge Handbook of Child Language*. Cambridge: Cambridge University Press.2.

Vygotsky, L. S. (1998). *Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico*. São Paulo: Scipione.

Vygotsky, L. S. (1999). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky,L.S.(1997). *Pensamento e Linguagem*. Obras Escolhidas I. Lisboa, Relógio D`Água Editores

Vygotsky,L.S.(2007). *Pensamento e Linguagem*. Lisboa, Climepsi Editores

ANEXOS